

Francisco Cândido Xavier

...

Cartilha da Natureza



Ditado pelo Espírito de

CASIMIRO CUNHA



Cartilha da Natureza

Do querido Adelinus,
irmão de sempre,
muito afetuosamente.

Chico Xavier

- 6.767 -

Uberaba, 10-10-74

Francisco Cândido Xavier

Poesia

Cartilha da Natureza

Ditado pelo Espírito de
CASIMIRO CUNHA

Centro Espírita Caminho da Luz
Livraria e Biblioteca

João Gasparini



1944

LIVRARIA EDITORA DA FEDERAÇÃO
ESPIRITA BRASILEIRA

Avenida Passos, 30

Rio de Janeiro

Cartilha da Natureza

- 6.767 -

Francisco Cândido Xavier

Cartilha da Natureza

Ditado pelo Espírito
de
Casimiro Cunha

2.^a edição
(Do 6.^o ao 10.^o milhar)



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
(Departamento Editorial)
Rua Figueira de Melo, 410 e Avenida Passos, 30
RIO DE JANEIRO

INDICE

A Grande Fazenda .	7	A Pedra	73
A Fazenda	9	O Tijolo	75
O Dia	11	A Lenha	77
O Sol	13	O Diamante	79
A Faxina	15	A Pérola	81
O Lixo	17	O Mármore	83
A Bússola	19	O Esterco	85
O Mapa	21	A Cova	87
Os Caminhos	23	A Mina	89
A Ferramenta	25	A Boa Arvore	91
O Carro	27	A Faca	93
O Fio	29	A Lavadura	95
A Semente	31	O Poste	97
O Cajado	33	O Andaime	99
A Terra e o Lavra- dor	35	A Ponte	101
A Construção	37	O Poço	103
O Milharal	39	A Cerca	105
A Plantação	41	A Porteira	107
O Campo e o Jardim	43	O Açude	109
A Enxada	45	A Cachoeira	111
A Picareta	47	A Flor	113
O Aguilhão	49	A Montanha	115
A Cangalha	51	O Cupim	117
A Derrubada	53	A Erosão	119
O Barro e o Oleiro .	55	O Pântano	121
A Carpintaria	57	O Ribeiro	123
A Usina	59	O Grande Rio	125
Os Animais	61	O Lago	127
O Regador	63	O Tronco e a Fonte	129
A Canga	65	O Mar	131
O Barbicacho	67	O Vento	133
A Muda	69	A Chuva	135
O Botão	71	A Nuvem	137
		O Vau	139

Composto e impresso
nas oficinas da
— FEDERAÇÃO —

33 - RF; 5.076 - L; 959

O Cipó	141	O Banho	175
O Oásis	143	O Pão	177
A Praia	145	O Prato	179
A Enchente	147	A Refeição	181
A Água	149	A Visita	183
O Voo	151	A Mesa	185
A Capina	153	A Noite	187
A Poda	155	A Candeia	189
O Malhadouro	157	A Lâmpada	191
A Lagarta	159	O Luar	193
A Aranha	161	O Orvalho	195
A Boneca	163	A Lã	197
O Remédio	165	A Capa	199
O Incêndio	167	O Faroleiro	201
A Tempestade	169	O Cemitério	203
A Caçarola	171	O Silêncio	205
A Vidraça	173	O Despertador	207

A Grande Fazenda

"E ele repartiu por eles a fazenda."

JESUS-LUCAS, 15:12.

A Natureza é a fazenda vasta que o Pai entregou a todas as criaturas. Cada pormenor do valioso patrimônio apresenta significação particular. A árvore, o caminho, a nuvem, o pó, o rio, revelam mensagens silenciosas e especiais.

E' preciso, contudo, que o homem aprenda a recolher-se para escutar as grandes vozes que lhe falam ao coração.

A Natureza é sempre o celeiro abençoado de lições maternais. Em seus círculos de serviço, coisa alguma permanece sem propósito, sem finalidade justa.

Eis a razão pela qual o trabalho de Casimiro Cunha se evidencia com singular importância. O coração vibrátil e a sensibilidade apurada conchegaram-se a Jesus, para trazer aos ouvidos dos companheiros encarnados algumas notas da universal sinfonia.

Esta cartilha amorosa relaciona, em rimas singelas, alguns cânticos da fazenda divina que o Pai nos confiou. Envolvendo expressões na luz infinita do Mestre, Casimiro dá notícias das coisas simples, cheias de ensino transcendental. No relatório musicado de sua alma sensível, o milharal, o pântano, a árvore, o ribeiro, o malhadouro, dizem alguma coisa de sua maravilhosa destinação, revelando sugestões

de beleza sublime. E' o ensino espontâneo dos elementos, o alvitre das paisagens que o hábito vulgarizou, mas se conservam repletas de lições sempre novas.

O trabalho valioso do poeta cristão dispensa comentários e considerações.

Entregando-o, pois, ao leitor amigo, não temos outro objetivo senão lembrar a fazenda preciosa que se encontra em nossas mãos.

A Natureza é o livro de páginas vivas e eternas.

Em abrindo a cartilha afetuosa de Casimiro, recordemos Aquele que veio à Terra, começando pela manjedoura; que recebeu pastores e animais como visita primeira; que foi anunciado por uma estrela brilhante; que ensinou sobre as águas, orou sobre os montes, escreveu na terra, transformou a água simples em vinho do júbilo familiar; que aceitou a cooperação de um burrico para receber homenagens do mundo; que meditou num horto, agonizou numa colina pedregosa, partiu em busca do Pai através dos braços de um lenho ríspido e ressuscitou num jardim.

Relembremos semelhantes ensinamentos e recebamos a fazenda do Senhor, não como o filho pródigo que lhe desbaratou os bens, mas como filhos providentes que procuram aprender sempre, enriquecendo-se de tesouros imortais.

Pedro Leopoldo, 20 de Maio de 1943.

EMMANUEL

Cartilha da Natureza

A Fazenda

O dia vem longe ainda,
Fulgura o brilho estelar...
Mas nos campos da fazenda
E' hora de trabalhar.

O dever chama aos serviços
Da luta risonha e sã,
Na divina voz das aves
Que cantam pela manhã.

A tarefa atinge a todos
Nos roçados, no paiol,
Tudo expressa movimento
Precedendo a luz do sol.

Ali, corta-se, acolá
Dispõe-se de novo a leira,
Aqui, combate-se os vermes
Que atacam a sementeira.

Ninguém pára. Todos lutam.
Há cantares da moenda,
Contando a história do açúcar
Nos caminhos da fazenda.

Entretanto, se o programa
E' repouso, calma e sono,
Em breve, a propriedade
Vive em trevas do abandono.

Serpentes invadem campos,
Há cipó destruidor,
O mato chega às janelas,
Procurando o lavrador.

Enquanto a enxada descansa
Esquecida e enferrujada,
A casa desprotegida
Prossegue na derrocada.

Quem não vê na experiência
Tão simples, tão conhecida,
A zona particular
Nos quadros da própria vida?

*

Rico ou pobre, fraco ou forte,
Não te entregues à inação,
Que a vida é a fazenda augusta
Guardada na tua mão.

O Dia

O dia é o bom companheiro
Que, enquanto a sombra se esvai,
Cada manhã, abre as portas
Das bênçãos de Nosso Pai...

Haja guerras entre os homens
De sentimentos mesquinhos,
O dia chega espalhando
Luz e vida nos caminhos.

Começa o rumor amigo
Da enxada, dos bois, do malho:
E' a casa de Deus vibrando
Em cânticos de trabalho.

Generoso, claro e alegre
Vem do céu e atento a isso,
Fornece a todos o ensejo
Do espírito de serviço.

Que vale um dia? Interroga
Quem não sabe ter vontade;
Mas, cada dia é caminho
Na esfera da eternidade.

Quem não saiba aproveitá-lo,
Entregue à preguiça vã,
Cria espinhos escabrosos
Para a estrada de amanhã.

O dia é o mestre do esforço,
Que, com carinho e com arte,
Atende bondoso a tudo,
Trabalhando em toda a parte.

Feliz quem lhe segue a rota
Desde a luz do amanhecer,
Fazendo quanto possível
Nos quadros do seu dever.

Ai da preguiça que dorme,
Que se esconde de mansinho!
Deixemo-la sepultada
Nas penumbras do caminho.

*

Se queres felicidade
Em paz e sabedoria,
Evita as indecisões,
Trabalha, seguindo o dia!

O Sol

Se queres tranquilidade,
Bem estar, humor de escol,
Não deixes de ponderar
No esforço da luz do sol.

Contra os males do caminho,
Contra a doença e a tristeza,
Convém a observação
Das forças da Natureza.

Esse sol bondoso e franco,
Que brilha através do abismo,
E' bem a fonte amorosa
Do trabalho e do otimismo.

Não vacila em seus deveres,
Tudo chama ao seu calor,
Derrama por toda a parte
Os raios de vivo amor.

Há ruínas entre os homens,
Guerra e sombra entre os ateus?
Acima de tudo, entende
O bem do serviço a Deus.

Milênios sobre milênios...
 E amando os lares e os ninhos,
 Vem o sol diariamente
 Dar vida nova aos caminhos.

Jamais se desesperou
 Ante os pântanos do caos,
 Abraçando o mundo inteiro,
 Ilumina bons e maus.

Aquecendo a casa nobre
 Da metrópole mais bela,
 Não esquece a folha tenra
 Que surge pobre e singela.

Brilha em tudo para todos,
 Sem privilégio a ninguém,
 Encontrando o homem do mal
 Só sabe fazer-lhe o bem.

*

Esse sol amigo e farto,
 Que revigora e ilumina,
 Retrata em toda a expressão
 A Providência Divina.

A Faxina

De manhã, em toda casa,
 Ar puro, janela aberta,
 A higiene determina
 O movimento de alerta.

E' o asseio proveitoso
 Que começa com presteza,
 Expulsando o pó de ontem
 Nos serviços da limpeza.

A vassoura range, range,
 No polimento ao soalho,
 Sem desprezar coisa alguma
 Na expressão do seu trabalho.

Vêm escovas cuidadosas
 Ao lado de espanadores
 E renova-se a paisagem
 Dos quadros interiores.

A água cariciosa
 Que se mistura ao sabão,
 Carreia o lixo, a excrescência,
 Enche baldes, lava o chão.

Os livros desafogados
Mostram ordem nas fileiras,
Convidando ao pensamento
Do cimo das prateleiras.

Os móveis descansam calmos,
De novo brilha o verniz.
Toda a casa fica leve,
Mais confortada e feliz.

A limpeza efetuada
E' novo impulso à energia,
Multiplicando as estradas
De esforço e sabedoria.

A faxina, qual se chama,
Na linguagem da caserna,
Tem seu símbolo profundo
Nos campos de vida eterna.

*

Muita gente sofre e chora,
Na dor e na inquietação,
Por nunca fazer faxina
Nas salas do coração.

O Lixo

Cada dia, a residência
Que a higiene ensine e ajude,
Lança fora todo o lixo
Na defesa da saúde.

Grandes cestos, grandes latas,
Guardando detrito escuro,
Enchem grandes carroçadas
Que seguem para o monturo.

Contemplando o movimento,
Lembremos que a sujidade,
Muita vez foi qualquer coisa
Em plano de utilidade.

Roupa usada, vestes rotas,
Velhas peças carunchosas,
Em outros tempos já foram
Queridas e preciosas.

Ornatos apodrecidos,
Tristes lâmpadas sem lume,
Conheceraam muitas vezes
Festa e luz, vida e perfume.

Resumem, contudo, agora,
O lixo que não convém,
Escuro e pernicioso,
Contrário à saúde e ao bem.

Para ele, em todo o mundo,
A casa nobre e educada
Reserva, cada manhã,
A bênção da vassourada.

Se não tem função de esterco,
Junto à terra menos rica,
Vai ao fogo generoso,
Que renova e purifica.

Na esfera de ensinamento
Da verdade sempre igual,
O lixo personifica
A estranha expressão do mal.

*

Escuta! se o bem de ontem
Hoje é mal e sofrimento,
Não deixes de procurar
Os cestos do esquecimento.

A Bússola

Na viagem rude e longa
Em região solitária,
A todos os viajores
A bússola é necessária.

Quando a jornada é difícil,
Aquele que a tem, de perto,
Vai seguindo confortado
Na bênção do rumo certo.

Soprem ventos formidandos
E a sombra prometa a morte,
A bússola honesta e firme
Não perde a visão do Norte.

Muita vez, em mar revolto,
Nas zonas desconhecidas,
Atende, silenciosa,
Dando fé, salvando vidas.

Tudo angústia da borrasca
E trevas de nevoeiro,
Mas a bússola responde
Aos olhos do timoneiro.

De outras vezes, no deserto,
Se palpita a inquietação,
Traduz generosamente
O conforto e a direção.

Em meio a vacilações,
Significa o resumo
De grandes consolações
A quem ame o próprio rumo.

Tanto em água revoltada,
Como em areia, em espinho,
A bússola generosa
Jamais esconde o caminho.

Nas rudes experiências
Da romagem terrenal,
Não se pode prescindir
Do rumo espiritual.

*

Se caminhas neste mundo,
Sejas moço, sejas velho,
Não esqueças, meu amigo,
A bússola do Evangelho.

O Mapa

Nos serviços necessários
A qualquer expedição,
O mapa é bondoso guia,
Servindo à orientação.

E' sempre o mentor fiel,
Evitando o erro, a fossa,
E' a força da experiência
Que passou antes da nossa.

Por obter-lhe o concurso,
Houve lágrimas, suor,
Sofrimentos, sacrifícios,
Misérias, ruínas, dor.

Por traçá-lo, muitas almas
Gemeram desconhecidas...
Certos mapas representam
Muitas mortes, muitas vidas.

O espírito estacionário,
Paralítico, inferior,
Embora lhe guarde o ensino,
Desconhece-lhe o valor.

Mas aquele que aproveita
O ensejo de cada dia,
Consulta e atende ao roteiro
Em paz e sabedoria.

Sabendo-se viajar
Nos caminhos da existência,
A carta de indicações
Dirige-lhe a experiência.

Estudando-a, com razão,
Vê-se intrépido e seguro,
Quem vigia no presente
Tem reservas no futuro.

No Mapa dos Corações,
Jamais esqueçamos disto:
O roteiro do Evangelho
Custou muito esforço ao Cristo.

*

Sigamo-Lo com carinho
Em nossa oportunidade.
Estamos a percorrer
As sendas da eternidade.

Os Caminhos

O caminho mais humilde,
Seja na vila ou na serra,
E' convite carinhoso
Que o Pai traçou sobre a Terra.

Qualquer estrada do mundo
E' sugestão de bondade,
Por trazer às criaturas
Os bens da fraternidade.

E' a chave silenciosa
Das mais belas ligações,
Que aproxima os interesses
No elo dos corações.

A avenida na cidade,
Em luz quente, clara e viva,
E' chamamento mais forte
Para a união coletiva.

Se o caminho é do trabalho
No labor do ganha-pão,
E' trilho amado e bendito
De muita satisfação.

Se é traço rude e singelo,
Aberto no campo em flor,
Abre acesso à Natureza —
A eterna mestra do amor.

Há caminhos para o templo,
Para o lar, para a oficina,
Todos eles são recursos
Da Providência Divina.

A excelsa sabedoria
Jamais esqueceu ninguém,
Dispondo todas as sendas
Para a luz e para o bem.

Sòmente o homem da Terra,
Na ambição negra e fatal,
Abusa dos dons do Céu,
Caminhando para o mal.

*

Ditoso quem reconheça
Em toda estrada uma luz,
Quem conduz à claridade
Do Caminho, que é Jesus.

A Ferramenta

O êxito no trabalho,
Com que o homem se apresenta,
Depende da vigilância
Que se deve à ferramenta.

A enxada laboriosa,
Que coopera e não se cansa,
Pede zelo no serviço,
Para agir com segurança.

A agulha por ministrar
Benefícios e atenções,
Não dispensa tratamentos,
Desvelos e condições.

Nos trabalhos do tecido,
Em tudo que atinja o assunto,
O tear pede harmonia
Nas peças do seu conjunto.

A própria cozinha humilde,
No que diz respeito a ela,
Reclama copo assado
E limpeza na panela.

No círculo das tarefas,
Da mais simples à maior,
Descuidada a ferramenta,
Tudo vai pelo pior.

Sem isto, qualquer serviço
Inclina-se à negação
E tende com rapidez
Às sombras da confusão.

Instrumento corrompido
Marca início de insucesso.
Sem lutas de vigilância,
Não há bênçãos de progresso.

O problema do utensílio,
E' tão belo quão profundo...
Lembra sempre que teu corpo
Atende essa lei no mundo.

*

Viveres de corpo ao léu,
Estranho aos cuidados teus,
E' injúria feita ao trabalho,
Menosprezo aos dons de Deus.

O Carro

Nos problemas de viagem
Por vencer qualquer distância,
Todo carro requisita
Esforços de vigilância.

Antes de tudo, atendendo
Às lições da Natureza,
Não se pode prescindir
Dos detalhes da limpeza.

O carro é prestigioso,
Mas, ao longo das estradas,
Pede amparo da prudência,
Nos serviços, nas paradas.

Aqui, reclama remendo,
Mais além um parafuso,
Todo o zelo é necessário
Preservando-se do abuso.

De quando em quando, é preciso
Exame calmo e acurado,
Cada peça solícita
Carinho, atenção, cuidado.

Ferramentas, graxa e óleo
 Requistam provisões;
 Sômente o bem da reserva
 Remedeia inquietações.

Sem isto, qualquer jornada
 Vale por louca aventura,
 Que termina comumente
 No desastre da loucura.

O carro mais reforçado,
 À desídia do cocheiro,
 Abandona o rumo certo,
 Resvala ao despenhadeiro.

No mundo assim também é:
 O homem, na humanidade,
 E' o viajor demandando
 As luzes da eternidade.

*

A experiência é a viagem,
 O carro é teu organismo:
 Quem descuide o próprio corpo
 Precipita-se no abismo.

O Fio

Nos movimentos da agulha,
 Nas tarefas do tear,
 O fio é muito importante
 Na base de todo lar.

Pouca gente lhe observa
 Os valores, vida em fora;
 Na verdade, é companheiro
 Nas lutas de cada hora.

Humilde, ténue, singelo,
 Às vezes quase impalpável,
 Para o pobre, para o rico,
 E' matéria indispensável.

Existe em padrões diversos,
 No algodão, em seda, em lã,
 E entre as dádivas do mundo
 E' sublime talismã.

E' bênção do amor de Deus,
 Que acompanha a criatura
 Nos campos do mundo inteiro,
 Desde o berço à sepultura.

Entretanto, é alguma coisa
Muito frágil, muito leve,
Cuja trama delicada
Nosso lápis não descreve.

Por ele, milhões de seres,
No espírito do trabalho,
Encontram caminho e vida,
Luz e paz, força e agasalho.

Olha o fio pobre e simples!
Que lição útil e bela!...
E' tesouro do caminho,
Mas parece bagatela.

Observando-o, recordo
As glórias e fins supremos,
Do tempo que é luz divina,
Neste instante que vivemos.

*

O segundo é gota humilde,
O século é vasto rio...
Vive em Deus cada momento
Que o minuto é nosso fio.

A Semente

Nos quadros vivos da roça,
A semente pequenina
E' página aberta aos homens,
Mostrando lição divina.

É minúscula, e sòmente
À luz de grande atenção
Pode ser reconhecida
No campo de plantação.

Quanto pesa? quase nada:
Coisa muito inferior,
Calcada aos pés, sem cuidado,
Nas lutas do lavrador.

No entanto, grãozinho humilde,
Que pouca gente repara,
Tem tarefas e caminhos,
Lições de beleza rara.

Humilde, pequena e pobre,
Abandonada ao monturo,
A semente é a garantia
Do edificio do futuro.

Coisa mínima lançada
Ao vasto lençol do chão,
Vai ser árvore, celeiro,
Remédio, alimentação.

Mas é justo ponderar,
Ao senso da criatura,
Que a espécie de produção
Responde à sementeira.

Laranjeira dá laranja,
Macieira dá maçã,
Planta rude do espinheiro
E' mais espinho amanhã.

As sementes ignoradas,
Da roça desconhecida,
São iguais às bagatelas
Do quadro de nossa vida.

*

Uma palavra, um conselho,
Um gesto, uma vibração,
Vão crescer e produzir
Conforme nossa intenção.

O Cajado

Quem faça viagem longa,
Se é prudente e ponderado,
Jamais pode prescindir
Do concurso de um cajado.

Conduzir arma de fogo
Ultrapassa a obrigação,
Evite-se a qualquer preço
A morte e a destruição.

Entretanto, é indispensável,
Nas surpresas do caminho,
Que se guarde alguma coisa
Contra a pedra, contra o espinho.

O bordão é companheiro,
Não se aflige, não se assusta;
Permanece na defesa
Do esforço da causa justa.

Pode agir sem destruir,
Cede apoio com proveito,
Prestativo, atencioso,
Infunde calma e respeito.

Desvia o curso à serpente,
Traça rotas, vence o mato,
Em todas as latitudes,
O bordão é herói no tato.

Sonda o leito do caminho,
Pratica a verdade e o bem,
Onde há fogos e perigos,
Informa como ninguém.

Com seu auxílio é possível
Prosseguir e caminhar,
O próprio cego dos olhos
Não precisa estacionar.

Reparando-se, porém,
No ensino a que o quadro alude,
A jornada é nossa vida,
O bordão, nossa atitude.

*

Segue honesto, a passo firme,
De espírito sossegado,
Não sofras pelo dinheiro,
Mas conserva o teu cajado.

A Terra e o Lavrador

Nos quadros da Natureza,
A terra e o cultivador
São personagens sublimes
Do livro do Pai de Amor.

A terra mais seca e dura
Conserva, no coração,
As bênçãos da Luz Divina
Que fornece o nosso pão.

E o lavrador é o amado,
A mão simples, meiga e boa,
Que regenera e semeia,
Que cultiva e aperfeiçoa.

Pesados desbravamentos,
Arado rude a ferir...
Humilde, dilacerada,
Toca a terra a produzir.

Quanto mais a enxada vibre
No sulco forte e profundo,
Mais a flor promete fruto,
Mais o celeiro é fecundo.

Muita vez, o solo agreste
 E' lama desamparada,
 Mas a mão do lavrador
 Traz a vida renovada.

Onde queimava o deserto
 E o calor não tinha fim,
 Brincam asas buliçosas,
 Cantam flores de jardim.

Quem não viu da própria estrada
 O esforço do lavrador
 E a terra aberta em feridas
 Dando a riqueza interior?

Assim, no mundo, a alma pobre,
 Inda vil, inda assassina,
 Oculta a fagulha excelsa
 Da Consciência Divina.

*

E a dor, nossa grande amiga,
 Na terra do coração,
 E' o lavrador bem-amado
 Da vida e da perfeição.

A Construção

O homem sensato e nobre,
 Quando faz a moradia,
 Toma alvitres à prudência,
 Conselho à sabedoria.

Primeiramente examina
 O local, a posição,
 E edifica os alicerces
 Devidos à construção.

Não se cansa de escutar
 As vozes da sensatez,
 Que sugerem vigilância
 E induzem à solidez.

Muito antes da parede,
 Da janela, do portal,
 Reflete fazendo contas
 E escolhe o material.

Raciocina por si mesmo,
 Não perde ponderações,
 E estuda todo problema
 Das suas aquisições.

Não se atira a prego baixo,
De matéria condenada;
A sucata não lhe serve,
Nem madeira carunchada.

Acima de toda ideia,
Vibra a ideia de seu lar.
Seleciona a caráter
Cada coisa em seu lugar.

Impõe-se nos seus desejos,
Serenos, prudentes, ativos;
O senso da qualidade
Garante-lhe o objetivo.

Esse homem providente
Dá lições a cada qual,
Na construção do edifício
Da vida espiritual.

*

Escolhe teus pensamentos
No dever que te governa.
Ideias, palavras, atos,
Constroem-te a casa eterna.

O Milharal

O milharal nos parece,
Do caminho que o sol doura,
Uma esperança de Deus
Sobre as bênçãos da lavoura.

Além disso, representa
Uma elevada oficina,
Da nobre lei do trabalho
Que o Pai de Amor nos ensina.

Deus dá tudo: a terra, o ar,
As chuvas e os instrumentos,
Indicando o tempo próprio
Com a força dos elementos.

Manda o homem, que é seu filho,
Cuidar da terra que é sua
E esse filho convocado
Guia o traço da charrua.

Germina a semente amiga,
Mas até que dê seus frutos,
Exige muitos cuidados,
Constantes e absolutos.

Em seguida, o céu concede
A espiga amada e perfeita,
Pedindo as dedicações
Nas tarefas da colheita.

Vem logo a descascadura,
Depois o debulhador,
E o moinho em movimento
Nas lides do lavrador.

Sòmente agora o celeiro
Guarda as forças do bom grão,
A esperança carinhosa
Da véspera de seu pão.

E' um ensino generoso
Que a leira de milho encerra,
Um quadro de exemplo amigo,
Das lutas de toda a Terra.

*

Deus palpita em toda a parte,
Nada faz ou cria a esmo,
Mas pede em tudo a seu filho
A elevação de si mesmo.

A Plantação

E' muito grande o trabalho,
Enorme a preparação,
Na terra que se destina
As fainas da plantação.

E' preciso desprezar
Certas plantas, certas flores
Retirar os espinheiros
E arbustos inferiores.

Depois da foice aguçada,
Que opera o desbravamento,
Vêm, a golpes de enxadão,
Limpeza e destocamento.

No corpo da terra nua,
Em lutas laboriosas,
Há frondes e flores murchas,
Cicatrizes escabrosas.

Logo após, o arado amigo,
Cuidadoso, traça a leira,
Completando atividades,
Devidas à sementeira.

O solo dilacerado
Dá conta do esforço ingente,
A terra aberta e ferida
E' o berço justo à semente.

A zona que se consagra,
As tarefas de cultura,
Fornece lições diversas
Ao campo da criatura.

Muita gente julga, a esmo,
Que as lutas da educação
Se resumem a teoria,
Discurso e doutrinação.

Mas o problema é bem outro:
Não se dispensa a harmonia
Entre ação e ensinamento,
Nos quadros de cada dia.

*

Dores, lutas, sofrimentos,
São bênçãos de formação
Da Divina Sementeira
Nas zonas do coração.

O Campo e o Jardim

Nas lutas de cada dia,
Nas estradas da existência,
Lembra que o campo e o jardim
São pontos de referência.

Um é a esfera de trabalho
Que fica estranha ao teu lar,
O outro é a intimidade
Da vida particular.

No primeiro é a mão de Deus
Que decide com grandeza,
Na harmonia inescrutável
Das forças da Natureza.

No segundo é a criatura,
Que, usando elementos seus,
Ganha a vida, usufruindo
Os opimos bens de Deus.

O campo eterno, infinito,
Vai de um mundo a outros mundos,
E' a vibração do universo,
Em seus problemas profundos.

O jardim é a casa amiga,
 Pobre ou rica, sempre boa,
 E' a bela oportunidade
 Da luta que aperfeiçoa.

As penas, as amarguras,
 De um lar de trabalho e dor,
 São trilhas que dão acesso
 Ao bem santificador.

Quem não zele seu jardim,
 Com sacrifício e bondade,
 Mui longe está de atender
 No campo da humanidade.

Entretanto, vemos homens,
 Herdeiros dos fariseus,
 Que já pretendem ser anjos,
 Sem serem bons para os seus.

*

Se queres segar o campo
 Da luz e do amor sem fim,
 Não descuides um minuto,
 Das coisas do teu jardim.

A Enxada

No conjunto dos trabalhos,
 A enxada pobre e esquecida
 E' uma agulha generosa
 Que borda o lençol da vida.

Com desvelos carinhosos,
 Faz o berço às sementeiras,
 Protege os rebentos frágeis,
 Traçando caminho às leiras.

Essa agulha delicada,
 Vibrando de pólo a pólo,
 Aperfeiçoa a paisagem,
 Lançando mais vida ao solo.

Obediente e bondosa,
 Cooperava com o lavrador,
 E onde passa costurando,
 Eis que o chão transborda em flor.

Devem-lhe muito os celeiros
 Na colheita farta, imensa,
 Mas a enxada dadivosa
 Nunca pede recompensa.

Seu prazer está nas lutas,
 Nos trabalhos naturais;
 Alguém lucra em seus esforços?
 Mais serviço e terás mais.

Não sabe se há chuvas fortes,
 Se há calor de requeimar,
 Disposta sempre ao possível,
 Tem gosto de trabalhar.

Modesta, criteriosa,
 Atende ao labor que a chama,
 Fiel ao bom lavrador,
 Executa o seu programa.

Instrumento valoroso,
 Que não trai nem esmorece,
 Exemplifica no mundo
 A humildade que obedece.

*

Imagina a tua glória,
 Teu triunfo jamais visto,
 Quando fores boa enxada
 Nas divinas mãos do Cristo.

A Picareta

No serviço inicial
 Das construções no planeta,
 Aparece, indispensável,
 O esforço da picareta.

E' quase desconhecida
 Na casa elegante e bela;
 Pouca gente se recorda
 Que não se abrigou com ela.

E' que a nobre picareta
 Atende à primeira fase
 De cada edificação
 Que precise erguer a base.

No trabalho do princípio,
 Vencendo a pedra, a rudeza,
 Revela ao trabalhador
 Obediência e presteza.

Do serviço eficiente
 Fornece as maiores provas,
 Quebra espinhos, vara outeiros,
 Desdobrando estradas novas.

Traça e atende com firmeza,
No início das construções,
Dando forma aos alicerces,
Prezando as obrigações.

Escava terrenos duros,
Humilde, criteriosa,
Por trazer à superfície
A bênção da água bondosa.

Obstáculo? empecilho?
Oposições de rochedo?
A picareta resolve
Totalmente estranha ao medo.

Na esfera espiritual
Onde o bem pede cuidados,
Há construções igualmente
Com serviços bem pesados.

*

Lembra sempre, meu irmão,
Se queres a Luz Divina,
Que a vontade é picareta
Nas terras da disciplina.

A Cangalha

Nos círculos de serviço,
Toda a gente que trabalha
Nem sempre sabe entender
A nobreza da cangalha.

Não fôsse ela, entretanto,
Que atende, promete e faz,
E talvez o campo inteiro
Viveria estranho à paz.

Convenhamos na prudência
Que vem do rifão de antanho —
Basta, às vezes, uma ovelha
Para perder o rebanho.

O luar deseducado,
Que a força brutal anime,
Nunca perde ensejo ao coice
E está sempre pronto ao crime.

Vive ao léu, ameaçando
A golpes de grosseria;
Aparentando brandura,
Transborda selvageria.

Transforma-se, comumente,
No animal rude e vilão,
Que se esquivava do trabalho,
Por preguiçoso e ladrão.

Todavia, chega o instante
Em que a cangalha, bondosa,
Comparece orientando,
Honestamente laboriosa.

Ligada por laço forte
Ao amigo da indolência,
Dá-lhe os bens da utilidade
Em luzes de experiência.

Perguntemos a nós mesmos,
Notando-a, modesta e bela,
Quais os homens deste mundo
Que podem viver sem ela.

*

O dever, como a cangalha,
Que tanta grandeza encerra,
É a balança de equilíbrio
Nas vidas de toda a Terra.

O Aguilhão

Na esteira da confusão,
Há perigo, o carro empina.
São golpes de bois madraços
Em horas de indisciplina.

Avançam, rumo ao barranco,
Atiram-se à revelia,
São cegos à estrada enorme
E surdos à voz do guia.

O carreiro vigilante
Atende à situação:
Na canícula dourada
Vibram golpes de aguilhão.

À custa de esforço ingente,
A poder de ferroada,
A ordem volta ao serviço,
A harmonia volta à estrada.

Há revolta momentânea
Nos bois rudes, a tremer,
Mas, a bem da paz de todos,
Cada qual cumpre o dever.

E o carro prossegue firme,
Sem desvios, sem parar,
Buscando os objetivos
Que, por fim, deve alcançar.

Na Terra, também é assim:
Nas sendas de redenção,
Todo homem necessita
Estímulo à própria ação.

No lar, como no trabalho,
Desde o berço até a morte,
A criatura precisa
Aguilhões de toda sorte.

Muita gente fala deles
Com desespero e com asco;
Mas, Jesus santificou-os
No caminho de Damasco.

*

Obedece a Deus e passa,
Vive sempre atento a isto:
Todo aguilhão que te fere
E' bênção de Jesus-Cristo.

A Derrubada

Rangem troncos seculares
Aos golpes do lenhador.
E' o machado formidando
No impulso renovador.

Toda a floresta se agita
Em terríveis convulsões,
Continua a derrubada
Que precede as plantações.

Sol quente. Suor. Serviço.
E as árvores vigorosas
Estrçalham com fragor
As frondes cariciosas.

Após o trabalho ingente,
A invasão do fogaréu;
Fumo espesso devorando
A doce amplidão do céu.

Gritam aves assustadas,
Sem ninho, sem paz, sem guia,
Animais inferiores
Vão fugindo em correria.

A seguir vem a coivara
 Completando a grande prova,
 E' o termo da derrubada
 A favor da vida nova.

Sòmente aí são possíveis,
 Pasto verde e espiga loura,
 Pomares e sementeiras,
 Celeiro, casa e lavoura.

Já observaste que o homem,
 Ao longo de toda a estrada,
 Precisa também, por vezes,
 Das foices da derrubada?

E' a dor proveitosa e rude,
 Surgindo em golpes violentos,
 A força que retifica
 A mata dos sentimentos.

*

Sem trabalho não teremos,
 No caminho universal,
 Nem casa com Jesus-Cristo,
 Nem pão espiritual.

O Barro e o Oleiro

E' um exemplo de bondade
 O esforço nobre do oleiro,
 Cujas grandes atividades
 Tem a base no lameiro.

Muitos sentem aversão
 Por sua tarefa hostil,
 Dedicada, dia e noite,
 Ao barro nojento e vil.

Seu trabalho é quadro rude
 Que a lama invade e não poupa,
 E' barro, por toda a parte
 No rosto, nas mãos, na roupa.

Seu serviço é tão ingrato
 Junto à massa indefinível,
 Que a tarefa mais parece
 Um sofrimento invencível.

Mas todo barro mais pobre,
 Ao toque do seu amor,
 Fornece os vasos divinos
 De formosura e valor.

Quanto mais tempo e trabalho,
Mais triunfa, mais se ufana...
E vemos a lama escura
Transformada em porcelana.

Além dessas jóias raras
De sublimes expressões,
E' o oleiro quem dá corpo
As vossas habitações.

O tijolo faz a casa,
A telha cobre a mansão,
O homem ganha o seu lar
Que é templo do coração.

Nas estradas de miséria,
Não mais éramos que lama,
E eis que o Mestre no Evangelho
Nos esclarece e nos chama.

*

O Cristo é o Divino Oleiro
Que opera com perfeição;
Somos nós o barro vil,
Guardado na sua mão.

A Carpintaria

Nem todos identificam,
No curso de todo o dia,
A lição maravilhosa
Quem vem da carpintaria.

Madeira escura e selvagem,
Do seio da natureza,
Vem de longe por buscar
A forma e a delicadeza.

Ao rumor do maquinismo
Que se agrupa na oficina,
O artífice representa
A Inteligência Divina.

A serra corta vibrando,
A enxó elimina a aresta,
O torno canta a harmonia,
Tudo em júbilos de festa.

O esforço de seleção
Efetua-se a capricho;
Sujidades, excrescências,
São matérias para o lixo.

A simples madeira bruta,
Na grande transformação,
Brilha agora na obra prima
De serviço e perfeição.

Todavia, para isto,
As peças e os elementos
Submeteram-se humildes
À pressão dos instrumentos.

Assim também a alma humana,
Na oficina da existência,
Precisa submeter-se
Às plainas da experiência.

Recordemos, sobretudo,
Com humildade e com fé,
O Divino Carpinteiro
Que passou por Nazaré.

*

Busquemo-Lo nos caminhos,
E atende, meu caro irmão:
Se queres a Luz da Vida
Entrega-lhe o coração.

A Usina

Ao lado da queda d'água,
Se existe o rumor da usina,
E' justo considerar.
A lição que o quadro ensina.

Da corrente que despenha,
Aumentando atividade,
Parte o fluido vigoroso
Que vibra eletricidade.

Transforma-se a cachoeira
Em gerador de energia,
Que a usina prestigiosa
Traduz com sabedoria.

A primeira exprime força
Suscetível de criar,
A segunda é o vaso amigo
Que procura aproveitar.

Uma dá, outra recebe
Com bondade e diligência;
Semelham-se a ordem calma
Ao lado da obediência.

Desse acordo delicado
Nasce o gérmen do processo,
Em que se organiza o bem
Do conforto e do progresso.

Desde então, vencida a sombra,
Há luzes pelos espaços,
Alimento à grande indústria,
Serviço a milhões de braços.

Por servir e obedecer,
Bondosa, confortadora,
Vem a usina a converter-se
Na sublime benfeitora.

O quadro revela aos olhos,
Em nobres clarões sem véus,
A cachoeira incessante,
Desgraças que vêm dos céus.

*

Quando houver em cada homem
A obediência da usina,
Toda a Terra brilhará
No trono da Luz Divina.

Os Animais

Na casa da Natureza,
O Pai espalhou com arte
As bênçãos de luz da vida,
Que brilham em toda a parte.

Essas bênçãos generosas,
Tão ricas, tão naturais,
São notas de amor divino
Na esfera dos animais.

Não te esqueças: no caminho,
Praticando o bem que adores,
Busca ver em todos eles
Os nossos irmãos menores.

A Providência dos Céus
Jamais esquece a ninguém;
Deus que é Pai dos homens sábios,
E' Pai do animal também.

A única diferença,
Em nossa situação,
E' que o animal não chegou
Às vitórias da Razão.

Entretanto, observamos
Em toda a sua existência
Os princípios sacrossantos
De amor e de inteligência.

Vejamos a abelha amiga
No grande armazém do mel,
A galinha afetuosa,
O esforço do cão fiel.

O boi tão útil a todos,
É bondade e temperança;
O muar de força hercúlea
Obedece a uma criança.

Ampara-os, sempre que possas,
Nas horas de tua lida.
O animal de tua casa
Tem laços com tua vida.

*

A lei é conjunto eterno
De deveres fraternais:
Os anjos cuidam dos homens,
Os homens dos animais.

O Regador

No trabalho generoso
Que se impõe ao lavrador,
Destaca-se a parte ativa
Que compete ao regador.

Modesto, pronto ao serviço,
Que se deve à horticultura,
Atende bondosamente
A toda sementeira.

Se tarda a chuva amorosa
Para a leiva ressequida,
Vem ele silencioso
E espalha as águas da vida.

E' o sublime protetor
Dos germes por excelência,
E no esforço que desdobra
Não conhece preferência.

Não separa ao benefício
Os lírios da couve-flor,
Disposto à fraternidade,
Obedece ao Pai de Amor.

Também não pede à batata
Que amadureça num dia,
E exemplifica a esperança
Em paz e sabedoria.

Amigo da sementeira,
Espalha a bondade imensa,
Servindo sem aflições
E dando sem recompensa.

Esforça-se o ano inteiro,
Muita vez sem intervalo,
Por cuidar de flores ricas,
Que nunca virão cuidá-lo.

*

No campo de ajuda aos outros,
Atenta no regador,
Onde o Cristo te conduza
Prestando assistência e amor.

Não procures resultados,
Não vivas de inquietação,
Faze o bem, alenta a vida,
E espera da evolução.

A Canga

Pleno campo, céu de anil,
Que o sol dourado ilumina,
A primavera traz flores
De fragrância peregrina.

Em tudo palpita o belo
Na sublime transcendência,
Das dádivas generosas
Da Divina Providência.

Os bons, porém, desconhecem
Se há mistérios da beleza
E gastam no atrito longo
As forças da Natureza.

Acende-se a luta enorme,
Chifradas, golpes violentos,
Ruído ensurdecedor,
Pêlos rotos, pés sangrentos.

Há flores espatifadas
Nos caminhos da abundância,
E' cegueira, dor e morte
Em males da ignorância.

Mas, um dia, o lavrador,
Notando a exigência ativa,
Vendo a zona perturbada,
Traz a canga educativa.

Os brigões acham de novo
A paz, a harmonia, o bem.
O sofrimento em conjunto
E' o campo que lhes convém.

Toleram-se mutuamente
Sem rixas nem desatinos,
E aprendem a trabalhar
Sem desprezo aos dons divinos.

Muita vez também, no mundo,
Parentesco e obrigação,
São recursos necessários
Às luzes da educação.

*

Amigo, se estás na' canga
De lutas indefinidas,
Não fujas, atende a Deus,
Cura os males de outras vidas.

O Barbicacho

Por vezes, na atividade
Das viagens, do transporte,
O animal em disparada
Promete desastre e morte.

Por mais que sustenha a rédea
E colabore o cocheiro,
Em tudo, paira a ameaça
De rumo ao despenhadeiro.

Trabalhos imprescindíveis
Sofreriam dilação,
Se o condutor não agisse
Com firmeza e precisão.

Antecipando o terror
Da descida, abismo abaixo,
O montador ou o cocheiro
Recorrem ao barbicacho.

Reage o animal teimoso,
Rebela-se e pinoteia,
Mas tudo cessa de pronto,
Na abertura da correia.

Se busca saltar de novo
Sob fúria mais violenta,
Eis que lhe vaza da boca
Espuma sanguinolenta.

De queixo posto no entrave,
Qualquer coice dado a esmo,
Se pode ofender aos outros,
Dói muito mais nele mesmo.

Em pouco tempo o rebelde,
Agora sem mais descanso,
Trabalha tranquilamente
Humilde, bondoso e manso.

Assim, também muita gente
Em falsa compreensão,
Ao invés de trabalhar,
Faz queixa e reclamação.

*

Contudo, à beira do abismo,
Antes da queda ao mais baixo,
Recebem os linguarudos
A bênção de um barbicacho.

A Muda

Quem penetre no jardim,
Quando em plena floração,
Não pode dissimular
Sincera admiração.

Açucenas desabrocham
Desdobrando-se em beleza,
Mostrando a maternidade
Das forças da Natureza.

Além do jardim florido,
Quem se dirija ao pomar,
Experimenta emoção
Que não pode disfarçar.

As árvores generosas,
Sob auréolas de verdura,
Servem pomos de bondade
Às mesas da criatura.

Flores ricas, frutos nobres,
Na abundância indefinível,
Demonstram a Providência
Na bondade inexaurível.

Observe-se, porém,
 Como quem cumpre o dever,
 Que o nosso primeiro impulso
 Vem da ideia de colher.

As flores são decepidadas,
 Esmaga-se o fruto a esmo,
 Em tudo o egoísmo extremo,
 Dando conta de si mesmo.

São raros os previdentes
 Que guardam consigo a muda,
 Por plantá-la com desvelo
 Na terra que sempre ajuda.

Em nossa vida, igualmente,
 Se vamos à luz dos bons,
 Refletimos tão somente
 Na colheita de seus dons.

*

Não basta, porém, ganhar,
 Por deixarmos de ser pobre:
 Plantemos em nossa vida
 A muda do exemplo nobre.

O Botão

Na extrema delicadeza
 Da verdura perfumosa,
 Destaca-se pequenino
 O tenro botão de rosa.

Não há sinal de corola,
 Vê-se apenas que começa
 A surgir a flor divina
 Num cálice de promessa.

E às vezes, nas alegrias
 De doce festividade,
 Espera-se pela rosa
 No caminho da ansiedade.

Deseja-se a flor robusta
 Com que se adorne a beleza,
 Mas não há lei que perturbe
 Os passos da Natureza.

E' certo que toda rosa,
 Como jóia de paisagem,
 Nunca pode prescindir
 Do zelo da jardinagem.

Precisa tempo, entretanto,
Na sombra e na claridade,
Requerendo orvalho e sol,
Noites, chuva, tempestade.

Por crescer, pede cuidado
Nos inícios da existência,
Mas, morrerá com certeza
A golpes de violência.

Assim, também, quase sempre,
A muita crença em botão
Tentamos impor, à força,
A nossa compreensão.

Toda crença é patrimônio
Que não surge improvisado;
E' a rosa da experiência,
Em terras do aprendizado.

*

Se tua alma vive em festa,
Na fé que pratica o bem,
Ajuda, coopera e passa...
Não busques torcer ninguém.

A Pedra

Entre as coisas mais singelas
Dos planos da Natureza,
Destaca-se a pedra humilde,
Como símbolo de dureza.

Se alguém requisita imagem
Para a dor de nossa luta,
Em todas as circunstâncias
Lembremos da pedra bruta.

Entretanto, quase sempre,
Em nossa definição,
Há doses de fantasia
E gestos de ingratidão.

A pedra é santa operária,
Exemplo de intrepidez,
No campo material
E' base de solidez.

No plano geral do mundo,
Ela humilde é que suporta
O peso da casa amiga,
Do lar que nos reconforta.

Além disso, se apresenta
A luta e a dificuldade,
Coopera na educação
Das forças da humanidade.

Nem sempre a pedra da estrada
Constitui espinho e dor,
Que obstáculo vencido
E' posse de mais valor.

E' certo que a pedra esmaga
Se há preguiça e invigilância;
Mas, muita vez, é uma luz
Nas trevas da ignorância.

Olhando-a, nunca te esqueças
Que mesmo a dor da pedrada
Pode ser a grande bênção
De uma vida renovada.

*

Ouçamos a grande voz
Da cátedra de Jesus,
Que colheu as nossas pedras
E nos deu a Eterna Luz.

O Tijolo

Dos serviços da olaria,
Onde há lama em desconsolo,
E' justo aqui salientar
As sugestões do tijolo.

Barro pobre e ignorado,
Extraído em baixo nível,
A princípio não parece
Mais que lama desprezível.

Batido, dilacerado,
Ao peso do amassador,
E' pasta lodosa e humilde
Do subsolo inferior.

Após o rigor imenso
De luta grande e escabrosa,
Levado ao forno candente,
Sofre a queima dolorosa.

Apagado o fogo rude,
O tijolo pequenino,
Embora a modéstia enorme,
E' retângulo divino.

Saiu da lama humilhada,
Foi pisado de aspereza,
Foi queimado, mas agora
E' base de fortaleza.

Apesar da pequenez,
E' a nota amiga e segura,
Que constrói bondosamente
A casa da criatura.

E' a bênção, filha do pó,
Que as fornalhas não consomem,
E' terra purificada,
Servindo de abrigo ao homem.

Procura, amigo, entender
Este símbolo profundo:
Não te esqueças do trabalho
Na olaria deste mundo.

*

Tão logo purificares
O barro inferior do mal,
A experiência é o tijolo
Em tua casa imortal.

A Lenha

Essa lenha pobre e seca,
Que se entrega com bondade,
E' sugestão do caminho
E exemplifica a humildade.

Já pensaste em seu passado?
Um lenho seco... que era?
Talvez o galho mais lindo
Dos dias da primavera.

Quem sabe? talvez um tronco,
Terno abrigo nos caminhos,
Um palácio nobre e verde
De flores e passarinhos.

No entanto, em missão de auxílio,
Com santa resignação,
Não se nega a cooperar
Nas máquinas a carvão.

Em noite chuvosa e fria,
Ela é a doce companheira
Que aquece as recordações,
Crepitando na lareira.

Ao seu calor, os mais velhos
 Acham prazer na lembrança;
 Os mais moços a alegria
 De comentar a esperança.

Morrendo animosamente,
 Em chamas de luz e graça,
 Ela sabe que é de Deus,
 Por isso trabalha e passa.

Se viveu rindo e cantando,
 Entre seivas e prazeres,
 Com os mesmos encantamentos,
 Cumpre os últimos deveres.

Ah! quão poucos na jornada
 Convertem reminiscências
 Em calor, vida e perfume
 De novas experiências!...

*

Mas chega o dia em que o homem,
 Sem combater, sem negar-se,
 Precisa, como essa lenha,
 Da coragem de apagar-se.

O Diamante

No serro desamparado
 Que chama ao suor e à luta,
 O diamante luminoso
 Descansa na pedra bruta.

Por conquistá-lo é preciso
 Vencer enorme aspereza,
 Eliminando os percalços
 Que surgem da Natureza.

Sobretudo, é imprescindível
 Estudar todo o cascalho,
 Sem desprezar-lhe a dureza
 No espírito do trabalho.

Longo esforço, longa espera,
 Serviço e compreensão,
 Tudo isso é indispensável
 Ao bem da lapidação.

Ao preço de luta ingente,
 A pedra sonha e rebrilha.
 E' a divina descoberta
 Da gota de maravilha.

Pouca gente lembrará
 Que a jóia de perfeição
 Constitui a experiência
 Dos átomos de carvão.

A princípio, não passava
 De míseros fragmentos
 De carbono desprezível
 Na força dos elementos.

Nas grandes transformações,
 Viveu obscura e ao léu,
 Mas, agora, é flor de luz,
 Refletindo a luz do céu.

Quem não vê na jóia rara,
 Sublimada e soberana,
 A história maravilhosa
 Dos caminhos da alma humana?

*

Nos serros da Humanidade
 Que a ignorância domina,
 Cada ser guarda o diamante
 Da Consciência Divina.

A Pérola

Dos trabalhos de conquista
 Da fortuna dadivosa,
 Destaca-se a pescaria
 Da peróla preciosa.

Nem todo mar serve à pesca,
 Há nas ostras exceção,
 Em verdade, muito poucas
 Atendem na seleção.

Extremas vicissitudes,
 'Trabalhos, perigos, dores,
 Tudo isso desafia
 O esforço dos pescadores.

Não se pode prescindir
 De serviços sobre-humanos,
 Com cuidado e intrepidez,
 No fundo dos oceanos.

E' preciso haver coragem
 Estranha a quaisquer temores,
 No justo desprezo aos monstros
 Das zonas inferiores.

A descida no mergulho,
Ao longo do enorme abismo,
Traduz um ato de fé
Que descende do heroísmo.

Mas, depois do sacrifício,
A que o homem se conduz,
Vem a pérola mostrando
Um sonho formado em luz.

Todo o ouro amoedado,
Nos arquivos da avareza,
Não cria esse dom de Deus
Que surge da Natureza.

No esforço do pensamento,
Imita essa pescaria:
No oceano do Evangelho
Há paz e sabedoria.

*

Trabalha, despreza os monstros,
Esquece a dificuldade
E acharás com Jesus-Cristo
As pérolas da Verdade.

O Mármore

No gabinete isolado
Dos serviços de escultura,
Há muita coisa que ver
Com a vida da criatura.

O mármore chega em bloco
Dos centros da Natureza,
Em trânsito para o campo
Do espírito e da beleza.

E' pedra, vai ser tesouro;
E' rude, vai ser divino;
Todavia, não se sabe
Quando chega ao seu destino.

Golpe aqui, golpe acolá,
O artista começa a luta,
E' o sonho maravilhoso
Amando a matéria bruta.

As arestas vão caindo...
E' a carícia do martelo,
Desponta o primeiro traço
Vigoroso, firme e belo.

O cinzel fere e desbasta,
E, às vezes, pede o formão.
O artista prossegue atento
Dando vida à criação.

Golpes fundos, ferimentos...
Mas, eis quando se aproxima
O termo do esforço longo
Na aquisição da obra prima.

Depois, é a jóia formosa,
De valor alto e profundo,
Que as fortunas de milhões
Não podem fazer no mundo.

Esse mármore da Terra,
No fundo, é qualquer pessoa,
O artista é o tempo, e o cinzel,
A luta que aperfeiçoa.

*

Quando os golpes de amargura
Te cortarem o coração,
Recorda o cinzel divino
Que dá forma e perfeição.

O Esterco

O esterco que espalha o bem,
Vive em luta meritória;
Se é pobre, tem seu proveito,
Seu caminho, sua história.

Quase sempre, chega aos montes
Dos redis e dos currais,
Escuros remanescentes
Da esfera dos animais.

De outras vezes, vem das zonas
De imundície e esquecimento,
Onde a vida se transforma
Em triste apodrecimento.

Em outras ocasiões,
E' detrito das estradas,
Lixo estranho e nauseabundo
Das taperas desprezadas.

E' a decadência das coisas,
No resumo do imprestável,
Fase rude e dolorosa
Da matéria transformável.

Em síntese, todo esterco
E' derrocada ou monturo,
Que das sombras do passado
Lança forças ao futuro.

Analisando esse quadro,
Veremos que a podridão
Vai ser cor, perfume, fruto,
Doçura e renovação.

Notemos, porém, que a flor
Vibra ao alto, linda e santa,
Enquanto o adubo não passa
Do solo, dos pés da planta.

Na vida também é assim:
O erro, a miséria, o mal,
Podem ser algumas vezes,
Esterco espiritual.

*

Todavia, é necessário
Que das lutas, através,
Aproveitemos o adubo,
Esmagando-o sob os pés.

A Cova

Raro é aquele que medita
Contemplando a terra impura,
No trabalho peregrino
Da cova pequena e escura.

Assemelha-se à ferida
Sobre a leira dadivosa,
Indício de golpes fundos
Da enxada laboriosa.

Mas, na essência, a cova simples,
Singela, desconhecida,
E' o altar da Natureza,
Celebrando a luz da vida.

E' seio aberto à beleza,
Ao bem que se perpetua,
A existência renovada
Que se eleva e continua.

E' o sepulcro onde a semente,
Em sombra e separação,
Vai, morrendo, reviver
Nas bênçãos da Criação.

E eis que a vida se elabora
Nessa doce intimidade,
Renovando-se aos impulsos
De força e imortalidade.

Depois do apodrecimento,
Germinação e esplendores,
Verdes galhos de esperança,
Tenros ninhos promissores.

Mais tarde, o tronco, a colheita
Na fartura indefinida...
Tudo, a obra generosa
Da cova humilde e esquecida.

Esse símbolo expressivo
Vem lembrar, à criatura,
O campo do cemitério
E o quadro da sepultura.

*

Inda aí, a cova amiga
E' sempre o sublime umbral,
Porta aberta ao crescimento
No plano espiritual.

A Mina

E' no poço escuro e enorme
Que a mãe Natureza ensina,
Entre exemplos de trabalho,
A grande lição da mina.

Picaretas formidandas,
Batendo a terra escabrosa,
Procuram localizar
A matéria preciosa.

Sob rudes ameaças,
Constroem-se galerias,
O filão exige sempre
Sofrimentos e agonias.

Aqui, maquinismo imenso,
Acolá, perfuradores,
Na conquista do metal
Das zonas inferiores.

Milhares de braços fortes,
Calejados na aspereza,
Afrontam a treva e a morte
Nas sombras da Natureza.

Depois de suor intenso,
 Nas câmaras de trabalho,
 Retira-se para exame
 Grande acervo de cascalho.

Mas o ouro em toda parte
 Tem problemas e programas,
 Em toneladas de pedra,
 Dá sòmente poucos gramas.

De muita luta e serviço,
 Em provações da coragem,
 A mina fornece o ouro
 Em pequena percentagem.

Repara que a vida humana,
 Doente, pobre ou faustosa,
 Em todo lugar da Terra
 E' mina laboriosa.

*

De muito cascalho inútil,
 Nas labutas da existência,
 Aprende a extrair na vida
 O ouro da experiência.

A Boa Árvore

Nos quadros vivos da Terra,
 Desde a sua formação,
 A árvore generosa
 E' imagem da Criação.

E' a vida em Deus que nos ama,
 Que nos protege e nos cria,
 Que fêz a bênção da noite,
 E a bênção da luz do dia.

Seus ramos são como a infância,
 As flores, a adolescência,
 Seu fruto, a velhice amiga
 Repleta de experiência.

Seu tronco transforma sempre
 Toda a lama da raiz,
 No pomo caricioso,
 Alegre, doce e feliz.

As sementes que renascem,
 Com método e perfeição,
 São nossas almas na lei
 De vida e reencarnação.

Silenciosa na estrada,
Seu exemplo nos ensina
A refletir sobre a Terra
Na Providência Divina.

Se a poda foi rude e forte
Ao rigor do braço humano,
Sua resposta mais bela
E' mais frutos no outro ano.

Se tomba desamparada
Ao pulso do lenhador,
Faz-lhe a casa, dá-lhe a mesa,
Aquece-o com mais amor.

Dá sombra a todos que passam,
Sem jamais saber a quem,
Colocada no caminho,
Seu programa é sempre o bem.

*

E' santa irmã de Jesus
Essa árvore estremecida:
Se vive, palpita em Deus,
Se morre, transmite a vida.

A Faca

A faca, inegavelmente,
Embora não acerada,
Oferece algum perigo
À pessoa descuidada.

Entretanto, muitas vezes,
No serviço rude e forte,
Não se pode prescindir
Do concurso do seu corte.

Pleno campo. Plantações.
Verdura a perder de vista.
A faca auxilia sempre
No trabalho ruralista.

Nas fábricas operosas,
Onde a prudência a conserva,
Está pronta e decidida,
No serviço ou na reserva.

No esforço de cooperar,
Permanece dia inteiro
Atendendo eficazmente,
Ao lado do sapateiro.

Contribui nas selarias,
Onde o trabalho é uma escola,
Obedecendo ao seleiro,
Dando o bem, cortando a sola.

Em casa, está sempre firme,
Excelente companheira,
Respondendo a muito caso
Que concerne à cozinheira.

Depois de formar, atenta,
No preparo à refeição,
Segue, humilde, para a mesa
E ajuda a partir o pão.

Mas a faca que é tão útil,
Tão valorosa e singela,
E' muito desagradável
No pulmão ou na costela.

*

Forçoso é reconhecer
Que a faca vive a ensinar
Que cada coisa no mundo
Tem seu tempo e seu lugar.

A Lavadura

Pelo bem da roupa limpa
Não se esqueça a criatura
Dos serviços que custou
O esforço da lavadura.

Raramente se recorda,
Na tarefa rotineira,
O trabalho, o sacrifício
Do campo da lavadeira.

Porque, em verdade, a tarefa
Inclui disciplina e dores,
Não se lava roupa suja
Usando perfume e flores.

Por limpar-se no caminho
Necessário à experiência,
Não foge à imersão completa
Nas águas da Providência.

Não dispensa o gosto amargo
Do concurso do sabão,
Alijando-se a bagagem
De sujidade ou carvão.

Passado o atrito da esfrega,
Que impõe cansaço e aspereza,
Transporta-se ao coradouro,
Apurando-se a limpeza.

Depois, é a volta bendita
À água cariciosa,
Que atende à saúde humana,
Com bênçãos de mãe bondosa.

Qualquer recurso ao lavar,
Com sabão ou corrosivo,
Requisita paciência,
Vigilância e esforço ativo.

O serviço dessa ordem
Faz lembrar ao pensamento
A lavadura precisa
Às roupas do sentimento.

*

Vivamos tranquilamente,
Sem olvidar, entretanto,
Que nossa alma necessita
Lavar-se em suor e pranto.

O Poste

No quadro que te rodeia,
Em plano bem destacado,
Hás-de ver no poste humilde
Um servidor devotado.

Encontra-se em toda parte,
Com a decisão de quem zela,
Na cidade mais formosa,
Na lavoura mais singela.

Conhece o rumo acertado
Das fábricas, das usinas,
Coopera nos resultados
Do esforço das oficinas.

Ao calor do sol a pino,
Como à frescura do orvalho,
Sempre firme no seu posto,
Exemplifica o trabalho.

Atende aos bens do serviço,
Noite toda, dia inteiro,
Ampara a luz da avenida,
Como escora um chuchuzeiro.

Se há lugarejo às escuras,
Em justa necessidade,
O poste vence as distâncias,
Em busca da claridade.

Operários sem recursos
Para o pão de cada dia?
Vai direito às quedas d'água,
À procura da energia.

Auxilia nos transportes,
Coopera nas ligações,
Segura avisos na estrada,
Fornecendo informações.

Não cobra, por seus trabalhos,
Nem ordenados, nem multa,
Na sua doce humildade
E' um benfeitor que se oculta.

*

O poste compele o homem,
Sem vaidade, sem cobiça,
A fugir, em qualquer parte,
Dos venenos da preguiça.

O Andaime

Quando o esforço principia
Em toda edificação,
Não se pode prescindir
Da alheia cooperação.

Precisa-se apoio forte,
De base através da qual
Se distribua ao serviço
Concurso e material.

Vem o andaime prestimoso,
E' o seguro companheiro,
Que atende às obrigações,
Noite toda, dia inteiro.

De pé, vivendo o dever,
Serve a todos com bondade,
E' um exemplo de serviço
E um símbolo de humildade.

Muita vez, pisado a esmo,
Escuro, banhado em lama,
Permanece em seu lugar,
Não se irrita, não reclama.

Findo o esforço rude e longo,
 Ao rebrilhar do edificio,
 Pouca gente lhe recorda
 O trabalho e o beneficio.

O quadro é singelo e pobre,
 Mas rara é a lição assim —
 O benfeitor olvidado,
 Que é fiel até ao fim.

Além disso, o ensinamento,
 Em suas exposições,
 Apresenta aos aprendizes
 Duas belas sugestões.

Diz a primeira que um dia
 Deveremos esperar,
 Agir sem qualquer andaime
 Na vida particular...

*

Indaga-nos a segunda,
 Se já fomos, para alguém,
 O andaime silencioso
 Que ajuda a fazer o bem.

A Ponte

Onde a estrada se biparte,
 Parando sem que prossiga,
 Manda o Pai que se construa
 A ponte bondosa e amiga.

Consagrada ao bem dos outros,
 Todo instante, atenta a isso,
 Dom dos céus a revelar
 O espírito de serviço.

Suspensa sobre as alturas,
 Onde uma queda ameaça,
 Sem privilégio a ninguém,
 A ponte serve a quem passa.

Sempre pronta no caminho,
 No seu esforço incessante,
 Todo o tempo, dia e noite,
 E' bondade vigilante.

Sanando dificuldades,
 Dá-se ao que vai e ao que vem,
 Pratica com todo o mundo
 A divina lei do bem.

Por gozar-lhe toda hora
 Seu constante e terno amor,
 Os homens nunca refletem
 Na extensão do seu valor.

Muita vez é necessário,
 Para que o possam sentir,
 Que em meio da tempestade
 A ponte venha a cair.

No instante em que cada qual
 Vê que o bem próprio periga,
 Já ninguém mais desconhece
 Quem era essa grande amiga.

A ponte silenciosa,
 No esforço fiel e ativo,
 E' um apelo à lei do amor,
 Sempre novo, sempre vivo.

*

Vendo-a nobre e generosa,
 Servindo sem altivez,
 Convém saber se já fomos
 Como a ponte alguma vez.

O Poço

Quem segue ao sol calcinante,
 Com sede desesperada,
 Rende graças ao Senhor
 Achando um poço na estrada.

O quadro agreste, por vezes,
 Não tem abrigo nem fonte,
 Raras árvores se alinham,
 Perdendo-se no horizonte.

Em meio à desolação,
 Entre o calor e a secura,
 A cisterna dadivosa
 Guarda a bênção da água pura.

Há poços de toda idade,
 Bem calçados, mal assentes,
 Mais rasos e mais profundos,
 Em dimensões diferentes.

No seu íntimo, entretanto,
 Trazem todos a água amiga
 Que socorre aos que sucumbem
 De desânimo e fadiga.

Quem tem sede se aproxima
Com cuidado e gratidão,
E dispensa ao poço humilde
Sempre a máxima atenção.

Lançando o copo ansioso
Sem notar os sacrifícios,
Evita a poeira ou o lodo
Que anulem os benefícios.

E sorve esse orvalho santo
Que vem da terra imperfeita,
Com o júbilo generoso
De uma oração satisfeita.

*

No mundo, o mesmo acontece:
Nas agruras do caminho,
Cada qual pode apelar
Às posses do seu vizinho.

Mas, se agita a lama em torno,
Como quem fere e escabuja,
O poço, apesar de bom,
Só pode dar-lhe água suja.

A Cerca

Contempla a cerca da estrada
Que te serve sem jatância.
A sua atitude humilde
E' um ato de vigilância.

Seja feita de cimento
Ou de estacadas singelas,
Ela esclarece que a vida
Precisa de sentinelas.

Sua lição excelente
Não cessa de proclamar:
Cada terreno a seu dono,
Cada coisa em seu lugar.

E' cuidadosa, é sincera,
Dá combate à confusão,
Fornece norma aos serviços,
Faz contas de divisão.

E, desse modo, trabalha,
Tecendo a paz do teu ninho.
E' a cerca que te garante
Tanto o lar, como o caminho.

Repara que a tua vida
 E' um mundo de ocupações:
 Ai de ti se desordenas
 As tuas obrigações.

Através da luta enorme
 Das dores e do destino,
 Tua alma tem de passar
 Em busca do bem divino.

Certamente encontrarás
 Calúnias e tentações,
 Brutalidades, malícias,
 Serpentes, feras, ladrões.

Recorda a lição da cerca:
 A cada coisa o seu custo.
 E abre a porteira amiga,
 A tudo que seja justo.

*

Sem isso, não é possível
 O bem de qualquer missão.
 Sem clareza na tarefa,
 Tudo é sombra e confusão.

A Porteira

Enquanto a cerca trabalha,
 Organizando a divisa,
 A porteira se encarrega
 Da tolerância precisa

O caminho generoso,
 Defendido em cada lado,
 Não pode ser confundido,
 Nem deve ser perturbado.

Quem organiza, porém,
 O esforço de vigilância,
 Pode, às vezes, ser levado
 A gestos de intolerância.

A rigidez na fronteira,
 Tendendo para o egoísmo,
 Encontra a porteira sábia
 Que opera contra o extremismo.

Nas praças, como nos campos,
 Ela ensina, com carinho,
 Que a propósitos sagrados
 Não se nega o bom caminho.

A cerca defende a ordem
 Dominando o que é contrário,
 Mas a porteira bondosa
 Atende ao que é necessário.

Há pessoa aflita e triste
 Que precise providência?
 Ei-la pronta a qualquer hora,
 E atende com diligência.

Animais ao abandono?
 Necessidades de alguém?
 Expõe com simplicidade
 A sua missão no bem.

E com calma superior,
 Humilde e silenciosa,
 Completa o serviço amigo
 Da cerca criteriosa.

*

Vivem no mundo almas nobres,
 Torturadas de aflição,
 Porque lhes faltam porteiras
 Nos campos do coração.

O Açude

Vai-se o inverno frio e longo,
 Volta o tempo desejável.
 O açude prossegue sempre
 Na harmonia inalterável.

Espelho caricioso
 Refletindo o céu de anil,
 E' lençol de luz e ouro,
 Na tarde primaveril.

Durante o dia sem sombras,
 Retrata o Sol a brilhar,
 Quando a noite vem descendo
 Guarda os raios do luar.

Tudo isso é um quadro lindo,
 Mas não é só. A represa
 E' a mensagem da prudência
 No apelo da Natureza.

O açude não priva as águas
 De manter seus bons ofícios,
 Mas sabe guardar as sobras,
 Evitando os desperdícios.

No organismo inteligente
De suas disposições,
Fornece canais amigos
Em todas as direções.

E surgem forças cantando,
No pão, na luz, no agasalho.
E' a vitória da alegria,
Na abundância do trabalho.

Se a represa não guardasse
Com prudência e com carinho,
Faltaria o necessário
Nos celeiros do caminho.

Se o perdulário entendesse
O ensinamento do açude,
Jamais choraria a falta
Do sossego e da saúde.

*

Guardar o que seja justo,
Sem torturas de avareza,
E' da prudência divina
No livro da Natureza.

A Cachoeira

Quando passes meditando
No cimo da ribanceira,
Repara na majestade
Que espande na cachoeira.

E' bom pensar na grandeza
Que a sua potência encerra;
Na entrosagem de elementos
Das forças de toda a Terra.

No lugar mais solitário,
E' cântico de alegria,
Derramando em derredor
A abundância de energia.

Para dar-se em benefícios,
A sua maior ciência
Não quer admiração,
Pede esforço e inteligência.

Mesmo longe das cidades,
Depois de compreendida,
A cachoeira renova
A expressão dos bens da vida.

Retamente aproveitada,
E' fonte de evolução,
Movendo milhões de braços
Nas lutas do ganha-pão.

E' mãe generosa e augusta
Das fábricas de trabalho,
Que distribui, no caminho,
A luz, o pão, o agasalho.

E aprendemos na lição,
Quando a vemos, face a face,
Que a água buscou um abismo
Por onde se despenhasse.

Nesse símbolo profundo,
De grandeza e dinamismo,
Vemos nós o amor de Deus
E a extensão do nosso abismo.

*

Nós somos o sorvedouro
De misérias e discórdia;
Deus é a eterna cachoeira
De luz e misericórdia.

A Flor

Olhai os lírios do campo
Vestidos de aroma e luz!...
Este apelo vem do ensino
Do Evangelho de Jesus.

O Mestre ensinou que a flor,
Sem qualquer preocupação,
E' mais rica e mais formosa
Que a pompa de Salomão.

Diversos homens sem Cristo,
De mente pobre e enfermiga,
Supuseram nesse apelo
A exaltação da preguiça.

A lição, porém, é outra:
A força de sua essência
Louva em tudo, antes de tudo,
O trabalho e a obediência.

Bem poucos homens reparam
Que na selva, ou no jardim,
Toda flor revela e guarda
Harmonia até ao fim.

Sua doce formosura
 E' bem que nunca se esvai,
 Enfeitando os aposentos
 Da Casa de Nosso Pai.

Se alguém a separa da haste,
 Quando nada mais lhe resta,
 Completa com a sua dor
 Os júbilos de uma festa.

No lamaçal, nas estufas,
 Na miséria ou na opulência,
 A alegria harmoniosa
 E' a vida de sua essência.

A flor pequenina e frágil,
 Que nasce e perfuma atoa,
 Revela que em toda a parte
 A vida é formosa e boa.

*

O que é preciso é guardar,
 Na aspereza mais sombria,
 A fé no Pai de Bondade
 Ao ritmo da alegria.

A Montanha

Dentre todas as paisagens,
 Talvez a mais bela e estranha,
 E' aquela que se observa
 Na solidão da montanha.

Dura e estéril muitas vezes,
 Deserta, triste, empedrada,
 A montanha nos parece
 A terra amaldiçoada.

Entre as rochas do seu corpo,
 Florescem cardos sòmente;
 Flores rudes e espinhosas
 Da soledade inclemente.

Seus píncaros elevados,
 Na figura da paisagem,
 Chamam sòmente a atenção
 Do espírito de coragem.

Comparada ao movimento
 Do vale em relva macia,
 Fornece a impressão penosa
 Da aridez e da agonia.

Entretanto, em todo tempo,
E' a sua força que encerra
O amparo caricioso
Aos vales de toda a Terra.

Sem sua dureza agreste,
Repleta de solidão,
As planícies morreriam
Por falta de proteção.

E' ela a mão silenciosa
Da energia que produz;
No seu cume nunca há sombras,
Seu dia inteiro é de luz.

No mundo, as almas do amor,
Mais sábias, mais elevadas,
São montanhas que parecem
Estéreis e desprezadas.

*

Todavia, é o sacrifício,
De sua desolação,
Que sustenta em toda a vida
Os vales da evolução.

O Cupim

Causa pena olhar o campo
Quando, pobre de verdura,
Sofre a terra a intromissão
Do cupim que a desfigura.

Debalde a vegetação
Se estende em ramaria,
O solo não apresenta
A mesma fisionomia.

O cupim obstinado
Multiplica-se em rebentos,
Parece que o chão se cobre
De tumores pustulentos.

Em vão, a chuva convida
Às forças de produção,
Debalde o Sol traz a luz
De paz e renovação.

Não faltam bênçãos do Céu
Que atendam aos dons da vida,
Mas a terra permanece
Desolada e ressequida.

O cupim vai provocando
Estrago, calamidade;
E o campo mostra ruínas,
Miséria, esterilidade.

Às vezes são necessários
Muito esforço, muitas dores,
Por expulsar a família
Dos insetos invasores.

Sem trabalhos decididos
Por parte da agricultura,
O cupim transforma a terra
Numa extensa sepultura.

Lembramos, vendo esse quadro
Da esfera dos lavradores,
As almas avassaladas
De ideias inferiores.

*

Sê forte em qualquer trabalho,
Cada luta é uma lição.
Tristezas e desalentos
São cupins no coração.

A Erosão

Quem busca na paz do campo
Os bens da contemplação,
Costuma encontrar, por vezes,
As surpresas da erosão.

Dos acumes da paisagem,
Eis que a visão descortina
Horizontes luminosos
Na vastidão peregrina!

Em torno rebentam flores
Nas folhagens perfumosas,
Entre as árvores e os ninhos
Sopram brisas buliçosas.

Misturando-se, à verdura,
Há caminhos de enxurrada,
Formando abismos escuros
Na terra dilacerada.

Em derredor, tudo é glória
Do campo verde e florido;
Céu de anil, promessa e luz,
Mas o solo está ferido.

Sòmente à custa de esforço,
De luta excessiva e estranha,
E' possível reparar
As úlceras da montanha.

E' um quadro que faz lembrar
As almas de grande altura,
Que, embora a ciência e o brilho,
Têm abismos de amargura.

São montes iluminados
De sonho e conhecimento,
Mas, degradados, por vezes,
Nos planos do pensamento.

Recebem, da luz de Deus,
Dons sublimes e infinitos,
Mas se deixam avassalar
De enxurradas e detritos.

*

Quem guarde na intimidade
Tais feridas de erosão,
E' que vive sem defesa
Nos campos do coração.

O Pântano

E' um quadro sempre inquietante
Que inspira pena e cuidado,
Quando vemos no caminho
O pântano abandonado.

Enquanto, em redor de si,
Há cantos que a vida entoã,
Ele espera ansiosamente
O esforço que aperfeiçoa.

Todo o ar é pestilento
Em sua fisionomia,
Nos seus bancos lamacentos,
Ninguém descansa ou confia.

Muito poucos se aproximam
Do barro de sua imagem;
E' ferida cancerosa
No organismo da paisagem.

Mas, um dia, o lavrador
Dá-lhe atenção, dá-lhe drenos,
E o pântano desolado
E' o melhor dos seus terrenos.

Onde havia lodo e lama,
 Águas sujas e amargosas,
 Os legumes são mais ricos,
 As flores mais perfumosas.

Essas terras desprezadas,
 Tão pobres e desiguais,
 Ensinam, em toda parte,
 Que Deus é o melhor dos pais.

Entre as quedas dolorosas,
 Nos erros e nos desvios,
 Nós somos, na Criação,
 Pontos tristes e sombrios.

Nossa ideia de virtude,
 A mais bela em sentimento,
 E' a que nasce nos monturos
 Da lama do sofrimento.

*

Deus, porém, que é o Pai Amigo,
 Jamais nos deixou a sós.
 Jesus é o bom lavrador,
 E o pântano somos nós.

O Ribeiro

Entre os bens da Natureza,
 Tem o homem, cada dia,
 No ribeiro claro e manso
 Lições de sabedoria.

Ei-lo que passa sereno,
 Em doce fidelidade,
 Dá vida aos paióis do campo,
 Conforta e limpa a cidade.

Busca as terras desprezadas
 Que nunca tiveram dono,
 Atende as raízes tristes,
 Deixadas ao abandono.

Converte toda tarefa
 Num dom gratuito e suave,
 Mata a sede da serpente,
 Como o faz à flor e à ave.

Cumprindo o labor de sempre,
 Nunca cessa de correr,
 Ensina a perseverança,
 Exemplifica o dever.

Se a chuva lhe traz a enchente,
Vai além da obrigação,
Busca a terra deserdada
E lhe ensina a dar mais pão.

E' tão sereno e bondoso,
Tão amigo e tão perfeito,
Que não se nega ajudar
A mão que lhe muda o leito.

O ribeiro carinhoso
Não cessa de trabalhar,
Parece o sementeiro
Que saiu a semear.

E vendo que Deus é o dono
Das sementes multifárias,
Nunca volta no caminho
A contas desnecessárias.

*

Ao homem do mundo inquieto,
O ribeiro calmo ensina
Como agir e confiar
Na Providência Divina.

O grande rio

Em marcha laboriosa,
No sulco amplo e sombrio,
Profundo e silencioso
Eis que passa o grande rio.

Ao seu seio dadivoso,
Afluem fontes da serra,
Ribeiros de níveis altos,
Detritos de toda terra.

O rio mais elevado
Desce os montes à procura
De sua paz generosa
Na marcha calma e segura.

Por saber harmonizar-se
Nos bens do mais baixo nível,
Conserva toda a imponência
Da grandeza indefinível.

Faz caminhos gigantescos,
Cria povos eminentes,
E' ele quem leva ao mar
As águas dos continentes.

E' pai das economias
De todo o humano labor,
Mas quase ninguém se lembra
Dessa dívida de amor.

Que importa, porém? O mundo
E' o homem que esquece e cai,
Sem ver a missão do bem,
Nas bênçãos do próprio Pai.

O grande rio conhece
A luz desse imenso arcano,
Sobre o nível mais humilde
Busca a força do oceano.

Assim também a alma grande,
Nas últimas posições,
Recebe as ânsias de paz
De todos os corações.

*

Em dores silenciosas,
E' o grande rio que vai,
Dando o bem a todo o mundo,
Em busca do amor do Pai.

O Lago

Todo lago tem seu nível.
Qualquer um, raso ou profundo,
E' patrimônio a dispor
Na tábua dos bens do mundo.

A questão toda é saber,
A golpes de paciência,
Utilizar-lhe os proveitos
Com bondade e inteligência.

Diversos homens acusam
As águas estacionadas,
Como poços enfermiços
De forças envenenadas .

Mas, como tudo na Terra,
O lago pede, também,
A compreensão de seus donos
Na lei que edifica o bem.

Se recebe o seu auxílio,
Retribui toda a atenção,
Dando vida e movimento
Aos quadros da Criação.

Se alguém lhe defende as águas,
 Protegendo-lhe a limpeza,
 E' um espelho cristalino
 Na estrada da Natureza.

De dia, trabalha e dá,
 Sob os ventos generosos;
 De noite, reflete a luz
 Dos astros cariciosos.

Mas, a fim de ser mantido
 No esforço nobre e fecundo,
 E' bom que ninguém lhe agite
 O lodo que está no fundo.

O lago retrata a vida
 Nos quadros em que repousa.
 Todo homem tem seu nível
 Para o bem de alguma coisa.

*

Um a um, pedem respeito
 Aos seus níveis de existência,
 Pois todos guardam consigo
 O lodo da experiência.

O Tronco e a Fonte

Um tronco frondoso e verde
 Erguia-se além da fonte.
 Perto, o solo pobre e seco,
 Longe, as luzes do horizonte.

Certo dia, disse a fonte:
 — Dá-me a sombra de teu galho,
 O duro chão me consome,
 Dá-me teu brando agasalho!...

Respondeu-lhe o tronco antigo:
 — Vem a mim! serei feliz!...
 Serás a seiva da seiva
 Que me alimenta a raiz.

Desde então, o tronco e a fonte
 Uniram-se a plena luz
 Da grandeza que dimana
 Da bondade de Jesus.

O tronco reconheceu,
 Vibrando de terno amor,
 Que a fonte era a mãe bondosa
 De sua seiva interior.

E a fonte viu nele o pai
De sua imensa alegria,
Repousando em sua paz
Nas lutas de cada dia.

Desde então, cantaram hinos
De hosanas ao Criador,
Entre frutos dadivosos,
Na estrada cheirando à flor.

À raiz, a água da vida
Levava consolação;
E o tronco elevou-se ao Céu
Com a fonte no coração.

Houve sol e sombra amiga,
Flor e frutos na ramagem;
Cantigas de passarinho,
Harmonizando a paisagem.

*

Duas almas que se irmanam
Na luz dos afetos seus,
São esse tronco e essa fonte
Guardados no amor de Deus.

O Mar

Na expressão profunda e viva
Das forças da Natureza,
Eis que o mar a tudo excede
Em formosura e grandeza.

Nos seus abismos trabalham
Milhões de laboratórios,
De onde nascem para a vida
As larvas e os infusórios.

As almas se modificam,
Renova-se o esforço humano,
Mas é sempre inalterada
A oficina do oceano.

Desde os primórdios do tempo
De sua edificação,
A sua finalidade
É a força da criação.

Foi nas águas generosas
De seu seio almo e fecundo,
Que alcançaram nascimento
As formas de todo o mundo.

Depois de sagrar a vida,
Eis que opera em todo o dia,
Fazendo as nuvens da chuva,
Que alenta, renova e cria.

Deus concedeu-lhe a grandeza
De ser profundo e inviolável,
Protegendo-lhe a missão
Do equilíbrio inalterável.

Com a sua dominação
Esplêndida e solitária,
E' fator de ordem perfeita
De toda a lei planetária.

E' o testemunho fiel,
De Deus em nossa existência,
Dando o ensino da equidade
Que nasce da Providência.

*

Mas se pode demonstrar
Tão grande revelação,
E' que é o lugar onde os homens
Não podem meter a mão.

O Vento

Quando passes no caminho,
Dando luz ao pensamento,
Não deixes de meditar
Na doce missão do vento.

Quem lhe imprimiu tanta força?
Donde vem? de que maneira?
Parece o sopro do céu
Alentando a sementeira.

Une as frondes amorosas,
Acaricia a ramagem,
E' um fluido caricioso
Amenizando a paisagem.

E' o mensageiro bondoso
Da alegria e da abundância,
Trocando os germens da vida,
Vencendo a noite e a distância.

De outras vezes é um amigo
Com fraternas exigências,
Que pratica nos caminhos
Profundas experiências.

Se a flor é infiel à seiva
 Que lhe deu força e guarida,
 O vento condu-la ao chão,
 Só deixando a flor da vida.

Seu papel na Natureza
 Vai da vida à seleção,
 Permutando os germens puros
 Das sementes de eleição.

Também, na vida da Terra,
 A função do sofrimento
 Parece identificar-se
 Com os fins da missão do vento.

Troca ele as nossas almas,
 Mata as flores da ilusão,
 Refunde os nossos valores
 Em nova fecundação.

*

O turbilhão de amargores
 E' mais vida envolta em véus,
 Povoando a nossa estrada
 Com os germens da luz dos céus.

A Chuva

Folhas secas. Terra ardente.
 Calores. Desolação.
 Mas a chuva vem do céu
 Trazendo consolação.

Toda semente que é boa,
 Entre júbilos germina,
 E' a bela fecundação
 Da natureza divina.

As árvores ganham força,
 Alimpa-se a atmosfera,
 A verdura em toda a parte
 Tem cantos da primavera.

As cidades, como aos campos,
 Aos ninhos, à sementeira,
 O pombo níveo da paz
 Traz o ramo de oliveira.

Sopra o vento brando e amigo,
 Em vagas cariciosas,
 Levando a mensagem doce
 Que nasce do olor das rosas.

A chuva que cai do alto
E' bênção que se derrama...
Na flor é orvalho celeste,
No pó do chão faz a lama.

Assim, também, os ensinios,
Que nos dão verdade e luz,
São a chuva generosa
Da inspiração de Jesus.

Cai sobre todos. No amor
E' raio de perfeição,
Mas no pó da ignorância
E' falsa compreensão.

Deus, porém, que é o Pai Bondoso
Entre as leis universais,
Faz com que a lama produza
Sementes, flores, trigais.

*

Eis a razão pela qual
Nossa indigência produz:
Inda mesmo em nossas sombras,
O Evangelho é sempre a luz.

A Nuvem

Céu sereno luminoso,
Entretanto, avulta em cima
Um ponto sombrio e triste —
E' a nuvem que se aproxima.

Quem mirar o firmamento,
Descansando a luz do olhar,
De súbito, experimenta
Doloroso mal-estar.

Dilata-se o ponto negro,
Em todo o céu que se altera,
O calor é intolerável
Na pressão da atmosfera.

A planta parece aflita,
Mergulhada em solo ardente.
O vento pára. O caminho
Sufoca penosamente.

Vem a nuvem dividida
Em vastíssimos pedaços,
Atritam-se os elementos
Em confusão nos espaços.

Em breve, porém, a chuva,
Em gotas cariciosas,
Mata a sede das raízes,
Lava as pétalas das rosas.

As folhas ganham verdura,
A estrada se modifica,
E' a seiva do céu que cai,
Profusa, bondosa e rica.

Aí, reconhecem todos
Que a nuvem, como ninguém,
Sabia trazer, consigo,
A paz, a alegria, o bem.

Assim, a nuvem da vida
Do infortúnio e da desgraça,
Vem sombria e dolorosa,
Chove lágrimas e passa.

*

Um homem, depois das dores,
E' mais lúcido e melhor.
Toda sombra de amargura
Traz consigo um bem maior.

O Vau

Por benfeitor venerável,
No seio da Natureza,
Rola o rio caudaloso
Escondendo a profundez.

Enquanto busca reserva,
Guardando seu próprio leito,
Ninguém se arrisca à passagem
Sem cuidado e sem respeito.

O rio jamais se nega
A ceder na travessia,
Mas todos se acercam dele
Com a máxima cortesia.

Socorrem-se os viajantes
Do auxílio de embarcação,
E espera-se a ponte amiga
Como justa construção.

Mas, se um dia, por descuido,
O rio apresenta o vau,
Ai dele! o destino agora
E' triste, amargoso e mau.

Ninguém lhe receia as águas
 Noutro tempo respeitadas;
 Invadem-nas cavaleiros,
 Carros, toras e boiadas.

As correntes que eram puras,
 E amadas por justa fama,
 Rolam sujas e insultadas
 De lodo, de lixo e lama.

A ponte dorme em projeto
 E o rio, embora a beleza,
 Depois que exibiu o vau,
 Nunca mais teve defesa.

As nossas almas também
 São como o rio profundo...
 A zona de intimidade
 Precisa ocultar-se ao mundo.

*

O mal quer turvar-nos sempre.
 Vigia, resiste e vence-o.
 Se queres respeito e paz,
 Não te esqueças do silêncio.

O Cipó

Sobre a árvore frondosa
 Que mostra calma infinita,
 Abraçada ao tronco forte
 Lá se vai o parasita.

Não atinge o cerne, a seiva,
 Mas, buscando a copa, as flores,
 Enrodilha-se, teimoso,
 Nas cascas exteriores.

Agarrado tenazmente,
 Vai subindo vagaroso,
 Alcançando o cume verde
 Do arbusto generoso.

Aboletado nos cimos
 Do castelo de verdura,
 O cipó audacioso
 Aparenta grande altura.

Deita flores opulentas
 De expressão parasitária,
 Avassalando a nobreza
 Da árvore centenária.

Recebe os beijos do Sol,
Embala-se na ternura
Da carícia perfumosa,
Da brisa mais alta e pura.

Mas, vem o dia em que o Pai,
Na lei de renovação,
Chama o tronco nobre e velho
Às bênçãos da mutação.

E' aí que o cipó vaidoso
Demonstra o que não parece,
Voltando ao pó do chão duro,
Para as zonas que merece.

Quanta gente brilha ao alto,
E, no fundo, inspira dó?
Há milhões de criaturas
Vivendo como o cipó.

*

Jamais olvides a lei
De trabalho e obrigação,
Não queiras mostrar-te ao alto
À custa do teu irmão.

O Oásis

Em torno, o despovoado,
Os lençóis de areia ardente...
O viajor vive o seu drama
Doloroso e comovente.

Nenhuma vegetação,
Nem a bênção de uma fonte,
O quadro é desolador,
Embora a luz do horizonte.

Cansado de sede e fome,
Sofre e sua, sonha e chora,
Desde a aurora rutilante
Às promessas de outra aurora.

Pede em vão, suplica a esmo,
No auge das aflições,
Guardando nalma ansiedades,
Angústias, recordações.

O vento levanta a areia,
Desfigurando as paisagens,
E o pobre sorri chorando
Na carícia das miragens.

Concentra-se, avança mais,
Quase morto de alegria;
Contudo, desfaz-se a tela
Dos planos da fantasia.

Arrasta-se amargamente,
Ralado de desventura,
Mas, na última esperança,
Surge um canto de verdura.

E' o oásis que o Senhor,
Atento à nossa viagem,
Mandou para os caminheiros
Que persistam na coragem.

Nos trabalhos deste mundo,
Em rumo obscuro, incerto,
Muita vez encontrarás
Inclêmências do deserto.

*

Deus vela. Prossegue a luta,
Sem lamento, sem gemido...
Atingirás, talvez hoje,
O oásis desconhecido.

A Praia

Mar revolto. Sombra densa,
Ao longo da vastidão.
Vibra a angústia em cada rosto
Na frágil embarcação.

O vento sopra de rijo
Espalhando a tempestade,
As ondas são monstros verdes
No dorso da imensidade.

Dolorosas inquietudes,
Amarguras, nervosismos...
Céu e mar desesperados —
E' o choque de dois abismos.

Não mais bússola, nem velas,
Tudo horror, trovões e vento,
Só resta, entre vagalhões,
O esforço do salvamento.

Ninguém define a distância
E o mais lúcido, o mais forte,
Mergulha-se em pensamento
Nos caminhos para a morte.

E' quando a costa aparece,
Trazendo nova esperança.
E' a mensagem carinhosa
Dos planos de segurança.

Que alívio dos viajores,
Cansados de sofrimento!...
Eis que a praia simboliza
A luz dum renascimento.

Ao seu lado, volta a calma,
Extinguem-se a sombra e a dor,
Renova-se a confiança
Na esfera superior.

Esse quadro nos recorda
O mundo desesperado,
Que parece, muitas vezes,
Grande mar encapelado.

*

Mas todo cristão sincero
E' uma praia apetecida,
Onde há paz e segurança,
Caminho, verdade e vida.

A Enchente

O quadro é lindo e imponente
Na calma da Natureza,
A massa d'água é mais bela,
Mais suave a correnteza.

O rio enorme extravasa,
Conquistando as cercanias,
Encaminha-se às baixadas,
Desce às furnas mais sombrias.

A torrente dilatada
Estende a dominação,
Refresca e fecunda o solo
Nas zonas de plantação.

Mas, em haurir-lhe a grandeza,
Os bens, a virtude, a essência,
Precisa-se em toda parte
Muita luta e previdência.

Aterros, diques, cuidados,
Trabalhos e sacrifícios,
Todo esforço é necessário
Por colher-lhe os benefícios.

Sem isso, reduz-se a enchente
 Às grandes devastações,
 Ameaças, lodo e vermes,
 Mosquitos, flagelações.

A abundância generosa
 Foi vista e considerada;
 Entretanto, a imprevidência
 Guarda a lama envenenada.

Reconhecendo a beleza
 Deste símbolo profundo,
 Podemos ver no seu quadro
 Muita gente deste mundo.

O poder, a autoridade,
 A fortuna, a inteligência,
 São enchentes dadivosas
 Da Divina Providência.

*

Mas, se o homem não vigia,
 E' várzea que inspira dó.
 A abundância não lhe deixa
 Mais que lodo, lixo e pó.

A Água

Água santa, bênção pura
 Das bênçãos celestiais,
 Que o Senhor te multiplique
 Os doces mananciais.

Água que lavas o corpo
 De todas as criaturas,
 És a fonte de bondade
 Que dimana das alturas.

Sangue vivo do planeta,
 Na forma que aperfeiçoa,
 Nos campos do mundo inteiro
 Toda a terra te abençoa.

O teu impulso amoroso
 E' vida, perfume, essência,
 És em todos os recantos,
 Mãe das forças da existência.

Por ti, há pomares fartos,
 Doçuras no lar que abriga,
 Ventos frescos no deserto,
 Orvalho na noite amiga.

Água tranquila e bondosa
 Que acaricia o sedento,
 Lavas manchas, lavas sombras,
 Desde o solo ao firmamento.

Aclaras a imensidade,
 Na borrasca, no escarcéu,
 Circulas em toda a terra,
 Depois de voltar do céu.

Água santa, irmã da paz,
 Da abundância, da limpeza,
 Garantes o dom da vida
 Nas luzes da Natureza.

Doce bem da Divindade
 Que envolve os lares e os ninhos,
 És a terna mensageira
 Do amor de Deus nos caminhos.

*

Em todo lugar do mundo,
 Haja paz, haja discórdia,
 És a bênção paternal
 Da Eterna Misericórdia.

O Voo

Aos que aprendam no silêncio,
 Sem sombras e sem entraves,
 Há sempre grandes lições
 No voo comum das aves.

Todas elas têm nas asas
 Um dom formoso e excelente,
 Mas cada grupo utiliza-o
 De maneira diferente.

Recordemos que a avestruz,
 Exemplo que mais destoa,
 É a maior das grandes aves,
 Muito bela, mas não voa.

As galinhas igualmente,
 Queridas e admiradas,
 Se voam alguns segundos,
 Caem trêmulas, cansadas.

Os patos, perus e gansos,
 De grande conformação,
 Toleram somente os voos
 Que os arrastem junto ao chão.

Os corvos pairam no alto,
 Mas o abutre da preguiça
 Aproveita a elevação
 Para a busca de carniça.

As andorinhas, porém,
 Librando no azul da esfera,
 Esquecem o inverno e a lama,
 Procurando a primavera.

A pomba bondosa e terna
 Sobe, sobe, além dos montes,
 E presta serviços nobres
 Devorando os horizontes.

Entre os homens, vê-se o mesmo,
 Nos caminhos da existência;
 A ninguém falta na Terra
 As asas da inteligência.

*

Há, porém, muita avestruz,
 Muitos corvos e galinhas,
 E em todo o lugar são raras
 As pombas e as andorinhas.

A Capina

Nos serviços de defesa
 Da semente que germina,
 Não se pode descuidar
 Dos trabalhos da capina.

Em torno à planta que nasce
 No escuro lençol do chão,
 Surgem ervas venenosas
 Tentando a sufocação.

Crescem fortes, espontâneas,
 Nocivas e desiguais,
 Formando comprida esteira
 De grosseiros ervaçais.

Alastram-se em toda parte...
 São verdura traiçoeira
 E, se vivem confortadas,
 Dominam a roça inteira.

Que o lavrador cuidadoso
 Jamais se esquive à atenção,
 Trazendo-lhe, decidido,
 A justa eliminação.

Ainda que mostrem flores
Entre os ramos de alegria,
Que todas sejam tratadas
À lâminas de energia.

Enquanto o grão não se forme
Para a colheita madura,
Capine a enxada ao redor,
Tão atenta, quão segura.

De outro modo, o mato inútil,
Vadio, cruel, sem nome,
Rouba grelos promissores,
Deixando ruína e fome.

Assim no mundo, igualmente,
Quem deseje o nobre dom,
Destrua dentro em si mesmo
Todo impulso menos bom.

*

Cultiva diàriamente
A vida elevada e sã:
Não te esqueças da capina
Se queres fruto amanhã.

A Poda

Quando é necessária ao campo
Produção forte e fiel,
Não se pode prescindir
Da poda quase cruel.

E' dolorosa a tarefa
Que se comete ao podão,
Não só nos tempos de inverno,
Como em tempo de verão.

No pomar esperançoso,
Na vinha feita em verdura,
Há dores indefiníveis
Que nascem da podadura.

Velhos ramos opulentos,
Dilacerados ao corte,
Despenham-se amargurados,
Vencidos de angústia e morte.

Esforça-se a podadeira
No galho que cede a custo,
E as frondes carinhosas
Parecem tremer de susto.

Muita vez, toda a folhagem
 Sucumbe, desaparece,
 Nobres hastes mutiladas
 Dão mostras de mãos em prece.

Mas, depois, findo o tormento,
 Passada a grande agonia,
 Vem a luz da primavera
 Nas colheitas de alegria.

Tudo é festa de beleza,
 Abundância, fruto e flor,
 Devendo-se tudo à bênção
 Da poda que trouxe a dor.

Necessita-se igualmente,
 No campo das criaturas,
 Das podas em tempo calmo,
 Em tempos de desventuras.

*

Nas fainas da luta humana,
 O sofrimento é o podão:
 Não te furtes à grandeza
 Das leis de renovação.

O Malhadouro

Na época dadivosa
 Da colheita cor-de-ouro,
 E' tempo de conduzir
 Cereais ao malhadouro

Espigas maravilhosas
 Vêm às mãos do tarefeiro,
 Aglomerando-se em busca
 Da secagem no terreiro.

Antigamente eram flores
 Mostrando verdura e viço;
 Agora, a compensação
 Que se reserva ao serviço.

Mas por ser o resultado,
 A garantia, o futuro,
 O grão rico e generoso
 Precisa ser nobre e puro.

O lavrador cuidadoso
 Organiza providências,
 E' necessário excluir
 As últimas excrescências.

Inicia-se a limpeza,
 Servidores a malhar,
 No espaço o longo assobio
 De varas cortando o ar.

São precisos golpes rudes,
 Bordoadas no bom grão,
 Por conferir-lhe a grandeza
 De servir, além do chão.

Depois disso, alcança a glória
 De amparar o lavrador,
 A alegria de prover
 Em nome do Criador.

Se ao longo de tua vida
 Sentes choques do mangual,
 E' que estás em madureza
 No campo espiritual.

*

Não fujas ao malhadouro,
 Guarda paz e vigilância:
 Que a luta nos roube agora
 Os restos da ignorância.

A Lagarta

A árvore é grande e bela,
 Mas, na copa que se alteia,
 Intromete-se a lagarta
 Escura, disforme e feia.

No tronco maravilhoso,
 Folhas verdes, flores mil...
 O traço predominante
 E' a nota primaveril.

E basta uma só lagarta
 De minúscula expressão,
 Por fazer, na árvore toda,
 Estrago e devastação.

De fato, o conjunto verde
 E' nobre, forte e preciso;
 Mas, em todos os detalhes,
 Há sinais de prejuízo.

A lagarta rastejante,
 Mostrengo em miniatura,
 Vai de uma folha a outra folha,
 Dilacerando a verdura.

As flores, embora belas,
Perfumosas e garridas,
Aparecem deformadas,
Nas corolas carcomidas.

O passeio da lagarta,
Que demora e persevera,
Perturba toda a expressão
Da filha da primavera.

Por mais que enfore e se esforce,
A árvore peregrina
Trai, aos olhos, a existência
Do verme que a contamina.

Encontramos na lição,
Desse pobre vegetal,
O homem culto e bondoso
Com o melindre pessoal.

*

Há muitas almas na Terra,
De feição nobre e segura,
Mas o melindre é a lagarta
Que as persegue e desfigura.

A Aranha

Geralmente, em toda parte,
No ângulo mais sombrio
Dos recantos desprezados,
Vem a aranha e tece o fio.

Escura, silenciosa,
Atendendo ao próprio instinto,
Seja dia, seja noite,
Vai fazendo o labirinto.

Por manter o enorme enredo,
Insiste e nunca esmorece,
Condenar-se por si mesma
E' seu único interesse.

Desdobrando movimentos
Nos impulsos insensatos,
Pratica perseguições,
Multiplica assassinatos.

Insetos despreocupados,
Na ilusão cariciosa,
Transformam-se em prisioneiros
Da pequena criminosa.

Satisfeita, a aranha escura
 Prossegue na horrenda lida,
 Nos venenos que segrega
 Traz a morte e suga a vida.

Mas um dia, o espanador,
 Na luta material,
 Vem e arranca essa infeliz
 Das teias de horror do mal.

A aranha, porém, não cede,
 Com teimosia e com arte,
 Foge ao bem que se lhe fêz,
 E vai tecer noutra parte.

Quem medita na conduta
 Dessa aranha renitente,
 Encontra a cópia fiel
 Da vida de muita gente.

*

A muitos presos do engano,
 Deus envia a dor e as provas;
 Mas, depois de libertados,
 Vão prender-se em redes novas.

A Boneca

Quase em todos os lugares,
 Vencendo tempo e distância,
 A boneca sempre atrai
 A grande atenção da infância.

Em torno dela palpitam
 Mil castelos pequeninos;
 E' a doce futilidade
 Do coração dos meninos.

Nesses campos infantis
 Há luta, rixa, esperança...
 E' tão frívola a boneca!
 Mas faz feliz a criança.

Na casinha de brinquedo,
 No princípio nobre e puro,
 E' que se forma o programa
 Das construções do futuro.

Sabem disso os pais bondosos
 E, notando a experiência,
 Atendem aos pequeninos
 Sem recursos à violência.

Não dilatam fantasias,
 Não mentem por enganar,
 Mas se valem da boneca
 No intuito de ensinar.

Cada coisa, cada gesto,
 Da mais ínfima expressão,
 São vistos e aproveitados
 Na esfera da educação.

A boneca inanimada
 Constitui sempre o motivo,
 De lições maravilhosas,
 De trabalho evolutivo.

Há no mundo muitos homens,
 Sem propósitos do mal,
 Que guardam muitas bonecas
 Da infância espiritual.

*

Junto deles, não condenes,
 Não tenhas reprovação,
 Não te faças de menino,
 Jamais lhes negues a mão.

O Remédio

O doente neste mundo,
 Que deseje melhorar,
 Jamais encontra remédio
 Saboroso ao paladar.

Por ministrar reconforto,
 Fazendo caminho à cura,
 O melhor medicamento
 Tem ressaibos de amargura.

Todo enfermo esclarecido,
 De senso nobre e louvável,
 Já sabe que seu remédio
 Tem gosto desagradável.

Se a moléstia é renitente,
 Mais áspera e mais revel,
 A justa medicação
 Amarga, sabendo a fel.

Por vezes, a beberagem
 Não basta à restauração,
 E' preciso o bisturi
 Na zona de intervenção.

Contra o campo infeccioso,
Providência compulsória,
Angústias do pensamento
Sobre a mesa operatória.

Há remédios variados:
Purgante, choque, sangria,
Compressas e pedilúvios,
Recursos de cirurgia.

Sempre o fel do sofrimento
Amigo, reparador,
Tortura que retifica
A dor que remove a dor.

Se é tão grande o sacrifício
No campo da cura externa,
Pondera sobre o equilíbrio
Necessário à vida eterna.

*

Nos dias de grandes dores,
Vive a fé, guarda-te em calma.
Grandes males no teu corpo
São remédios na tua alma.

O Incêndio

Elevam-se labaredas...
O fogo ameaçador
Foi centelha, mas agora
E' incêndio devorador.

Ninguém lhe conhece a origem
Obscura, nebulosa,
Ninguém sabe onde se oculta
A mão rude e criminosa.

A fogueira continua
Buscando mais alto nível,
Aumentando de extensão
Quanto ganha em combustível.

Estalam antigos móveis,
Prossegue a destruição;
Em torno anseio infinito,
Amarga desolação.

Língua rubra, formidanda,
Varre agora a cumieira.
Toda a casa se esboroa...
Sob a ação dessa fogueira.

Desdobra-se o nobre esforço
De amparar e socorrer,
A bondade põe-se em campo,
Ciosa do seu dever.

Entretanto, embora o auxílio
Dos trabalhos de emergência,
A nota predominante
É o carvão da experiência.

Assim é o mal neste mundo:
A princípio, sem que doa,
Envolve a perversidade
Em forma de coisa atoa.

Depois, é o braseiro extenso,
O furor incendiário,
Que atinge distância enorme
Com a lenha do comentário.

*

Vigia-te a cada instante,
Atende, pensa, examina!
Todo incêndio começou
Na fagulha pequenina.

A Tempestade

Quando o ar é sufocante,
Quando a sombra tudo invade,
Eis que chegam de repente
Os carros da tempestade.

Trovões, coriscos, estalos,
Granizos, treva, aspereza;
São convulsões dolorosas
Das forças da Natureza.

Velhas copas opulentas,
Antigas frondes em festa,
Tombam gritando assustadas
Na escuridão da floresta.

Os furacões implacáveis
Matam flores, levam ninhos;
A corrente do aguaceiro
Muda a face dos caminhos.

Mas no dia que sucede
As sombras da convulsão,
A terra é limpa e tranquila
Na paz da vegetação.

O céu é claro-azulado,
 O dia é de linda cor,
 Tudo chama novamente
 A nova expressão de amor.

Quem não teve em sua vida
 A tempestade também?
 Depois de tudo arrasado,
 Floresceu, de novo, o bem.

Aflições e desencanto,
 Renovação de ideais,
 Desilusões dolorosas,
 Desabamentos fatais.

Deus, porém, jamais esquece
 De atender e renovar;
 Apenas pede aos seus filhos
 A energia de esperar.

*

Caso venha a tempestade,
 Guarda a força calma e sã.
 Deus é Pai. Ora e confia.
 A vida volta amanhã.

A Caçarola

Dos serviços da cozinha,
 Onde há sempre grande escola,
 Lembremos o ensinamento
 Da obscura caçarola.

Ao receber substância
 Indispensável à mesa,
 Requisita vigilância
 No que concerne à limpeza.

Utilizada em serviço,
 Embora pobre e singela,
 Pede todos os desvelos
 Das mãos que se servem dela.

Por limpá-la, muitas vezes
 E' justa a grande atenção;
 Largos banhos d'água pura,
 Doses fortes de sabão.

Se não bastam tais processos,
 Um esforço mais ativo:
 Recursos d'água fervente
 Misturada a corrosivo.

De outra forma é descuidar
Da pureza do alimento,
Entregar o pão do corpo
Ao lixo e ao relaxamento.

A erva mais saborosa,
O leite nevado e puro,
Na panela descuidada
São coisas para o monturo.

Caçarola maltratada,
Sem o concurso do asseio,
Faz o pão envenenado,
Escuro, amargoso e feio.

Vendo o quadro, não te esqueças
Que os nobres ensinamentos
São substâncias que nutrem
A fonte dos pensamentos.

*

Receber lições divinas
Sem limpar o coração,
E' transformar dons de vida
Em sombras de confusão.

A Vidraça

Quem saiba ver nos caminhos
A luz, a beleza, a graça,
Não foge à contemplação
Do símbolo da vidraça.

Existe em tamanhos vários,
Mostrando serviço e arte,
Satisfazendo ao conforto
Quase sempre, em toda parte.

Prestativa, atenciosa,
O homem não lhe traduz
A função maravilhosa
De abrir novo campo à luz.

Espelho caricioso
De muita delicadeza,
Seu esforço no trabalho
Tem enorme sutileza.

E' que em todos os lugares,
Frente ao mesmo sol de amor,
Dá caminho à claridade,
Mas, conforme a própria cor.

Se vermelha, o apartamento
Guarda-lhe em tudo o matiz,
Parecendo cada coisa
Engrinaldada a rubis.

Se verde, a casa parece
De verdura peregrina;
Se azulada, é a cor do céu
Que se dilata e domina.

Na expressão do colorido,
Tem seu símbolo de escol,
Pois se o vidro é multicolor,
Todo o sol é o mesmo sol.

Quem não percebe aí dentro,
Sem grandes indagações,
O Divino Amor de Deus
E as várias religiões?!...

*

Deus é sempre o mesmo Pai
Que ilumina, cria e sente:
Mas o homem o recebe
De acordo com a própria mente.

O Banho

Dos preceitos da higiene,
Fonte clara do vigor,
Destaca-se, em qualquer tempo,
O banho confortador.

Depois de viagem longa,
Findo o esforço, cada dia,
Renovam-se, ao banho calmo,
A paz, a força, a alegria.

A própria vida aconselha,
Por vibrar, forte e louçã,
O contacto da água pura,
Ao começar da manhã.

No trato vulgar do mundo,
À frente da Humanidade,
O corpo mais nobre e belo
Não se esquivava à sujidade.

Mais além há fumo e lama;
Mais aquém, há lixo e poeira;
Todo o corpo participa
Do suor e da canseira.

As células esgotadas,
Em ânsias de dor e morte,
Requerem alguma coisa
Que as ajude e reconforte.

Eis que surge o banho amigo,
Com recursos sempre iguais,
A água cariciosa
Tem carinhos maternos.

Depois dele o alívio santo,
A bênção ditosa e pura,
A paz regeneradora
Ao corpo da criatura.

Assim também, nossas almas,
Em serviços contra o mal,
Nunca podem prescindir
Do banho espiritual.

*

Luta a luta, dia a dia,
Levemos o coração
Às águas do Pensamento
Para o banho na Oração.

O Pão

Em casa, chega o momento
Destinado à refeição...
Raro aquele que recorda
A história de luz do pão.

Quase sempre, vem de longe,
Das zonas do campo em flor,
Oferecer-se à criatura
Em nome do Pai de Amor.

Foi semente sepultada
Na terra ferida e escura,
Ressuscitando em seguida
Nas belezas da verdura.

Suportou lutas amargas,
Noites ásperas, sombrias,
Recebendo chuva e sol,
Tempestades, ventanias.

Adornou-se em primavera,
Risonha, sublime, eleita,
E entregou-se alegremente
Ao segador na colheita.

Padeceu processos vários,
Viveu peregrinações,
Desde a ceifa rude e longa,
Ao prato das refeições.

Conforme reconhecemos,
Esse pão, quase sem nome,
E' dádiva do Criador,
Que vem mitigar a fome.

Mensageiro humilde e santo
De carinho e de bondade,
E' o laço entre a Providência
E a nossa necessidade.

O amor e a abnegação
Resumem-lhe a bela história;
O espírito de serviço
E' a vida de sua glória.

*

Coração que sofre amando
Na fé sublime e sem jaça,
Vai ser pão na Mesa Augusta
Dos Bens da Divina Graça.

O Prato

Dentre as coisas mais singelas
Do lar carinhoso e grato,
E' justo reconhecer
A doce lição do prato.

Esperando calmamente
Comensais, em torno à mesa,
Exemplifica, bondoso,
A ternura e a gentileza.

Primoroso companheiro
De humildade e de atenção,
Por servir a quem tem fome
Aguarda o partir do pão.

Satisfaz a toda gente,
Sem sombra de vaidade,
Não olha conveniência,
Atende à necessidade.

Por vezes, o comensal,
A quem o vinho estimula,
Entrega-se à embriaguez,
À licença, ao crime, à gula.

Mas o prato está sereno,
 Por fazer e obedecer,
 Permanece em seu lugar,
 Submisso ao seu dever.

Em geral, servem-se dele,
 Sem qualquer preocupação;
 Pouca gente lhe dedica
 O amparo da gratidão.

E se o prato, certo dia,
 Conhece o aniquilamento,
 Não é por ele, é por nós,
 No campo do esquecimento.

Neste símbolo singelo
 De obediência e bondade,
 Sentimos a lei que rege
 O espírito da amizade.

*

Conserva teu bom amigo,
 Guarda a luz que recebeste.
 Não desrespeites na vida
 O prato onde já comeste.

A Refeição

Das horas do lar terrestre,
 Que falam ao coração,
 Destacamos com justiça
 A hora da refeição.

Há muita gente no mundo
 Que se assenta junto à mesa
 E recebe o bem divino
 Sem ponderar-lhe a grandeza.

Supõem muitos, mostrando
 Juízo ao sabor do vento,
 Que a refeição se resume
 A despesa e pagamento.

Raros pensam no trabalho
 Da Eterna Sabedoria
 Que espalha, por toda a terra,
 Esse pão de cada dia.

A maior parte dos homens,
 Estranha à luz da oferenda,
 Aproveita a refeição
 Por dar pasto à gula horrenda.

Muitos outros, igualmente,
 Dominados de cegueira,
 A transformam em campo largo
 De excessos de bebedeira.

Não poucos, menosprezando
 O corpo sadio e forte,
 Em vez de atender a vida,
 Procuram moléstia e morte.

Finalmente, em toda a parte,
 Pelo método confuso,
 O dom do Senhor se torna
 Em pastagem para o abuso.

Ouve amigo: não te esqueças,
 Nas mais ínfimas estradas,
 Que o prato das refeições
 E' bênção das mais sagradas.

*

Não olvides que o "pão nosso"
 E' dom sublime e perfeito;
 Se não tens a luz da fé,
 Não te esquives ao respeito.

A Visita

Quando Deus criou na Terra
 A visita de amizade,
 Permitiu-a, incentivando
 A paz e a fraternidade.

Antes, contudo, o Senhor,
 Que preserva nossa vida,
 Deu a norma generosa
 Que, em tudo, lhe é devida.

No silêncio venerando
 Com que fala das Alturas,
 Nosso Pai ensina isso
 Visitando as criaturas.

Vem com o sol de maravilhas
 Que não olvida ninguém,
 Aquece as coisas e os seres,
 Amando, fazendo o bem.

Vem junto à chuva bondosa
 E atende à fecundação,
 Traz flores, verdura e seiva
 E espalha as bênçãos do pão.

A Visita Paternal
 Nunca feita nem demora,
 O Senhor vem ver-nos sempre,
 Cada dia, cada hora.

Entretanto, não comenta
 Nossas grandes cicatrizes,
 Apenas procura meios
 De tornar-nos mais felizes.

De mil modos auxilia
 Com bondade sempre igual,
 Buscando estabelecer
 O olvido de todo mal.

Nos tempos de riso e flores,
 Nos dias de dor e abrolhos,
 Ao lado de teus amigos,
 Não visites com maus olhos.

*

Maledicência é veneno
 Que traz angústias de inferno;
 Ganhar visita ou fazê-la,
 E' divino dom do Eterno.

A Mesa

Quando o homem precisou
 Amor e delicadeza,
 Concedeu-lhe a Providência
 A bênção de paz da mesa.

Desde então, em toda parte,
 Na esfera em que a luta brilha,
 A mesa assinala o passo
 Da tribo para a família.

Quer Deus que ela seja em tudo
 Bondade, ternura, altar,
 Seja em tábuas, seja em ouro,
 — Outro lar dentro do lar.

Decidem-se, à frente dela,
 Os destinos das nações;
 E' mãe civilizadora
 De todas as gerações.

Ajuda, em missões do ensino,
 Aos professores e aos pais,
 Serve ao campo das igrejas,
 Das escolas e hospitais.

Revelando caridade
 Que a palavra não traduz,
 Oferece o pão do corpo,
 Como oferta o pão de luz.

A Providência Divina,
 Procurando auxiliar,
 Deu-a ao campo evolutivo
 Para o homem conversar.

Junto dela, o Cristo Amado,
 No socorro aos nossos planos,
 Deu a ceia aos companheiros
 E o banquete aos publicanos.

Em torno à mesa, cultiva
 Respeito, verdade, amor;
 Ela é dádiva perfeita
 Da esfera superior.

*

Nos serviços rotineiros,
 Não olvides, meu irmão,
 Que a mesa de tua casa
 E' o lar da conversação.

A Noite

Crepúsculo. E, após o dia
 De esforços laboriosos,
 Eis que surge a noite cheia
 De apelos maravilhosos.

Deus desdobrou sobre a Terra
 Seu manto misterioso,
 Como pausa necessária
 De pensamento e repouso.

As estrelas que se acendem,
 Com ternura e rutilância,
 Parecem luzes que acenam
 De uma cidade a distância.

A luz ditosa convida
 À paz e à meditação.
 A noite é a parada amiga
 De calma renovação.

Se o dia pertence à luta
 Da construção terrenal,
 A noite é o sagrado ensejo
 Da vida espiritual.

Os homens ignorantes
Abusam do seu valor,
Dando vida a todo impulso
De natureza inferior.

Mas quem sabe ser do Cristo
Encontra nela a harmonia
Da fonte de vibrações
Do amor, da paz, da alegria.

Palpita em seu manto a bênção
Do Pai Amado que aprova.
E' a ilha rica e encantada,
Repleta de força nova.

Alegra-te em cada noite,
E, tomando o bem por guia,
Entrega a Deus o inventário
Das lutas de cada dia.

*

Não te enerves no repouso,
Renova teu compromisso.
Quem não sabe descansar,
Mentiroso é no serviço.

A Candeia

A sombra desce de manso,
O silêncio volve aos ninhos,
E' a noite cariciosa
Que se estende nos caminhos.

Na casa pequena e simples
Que é refúgio da pobreza,
E' mais densa a escuridão
Que amortalha a Natureza.

Mas no quadro desolado
Perpassa a bênção do amor,
A candeia humilde e rude
Clareia do velador.

Na sala desguarnecida
Da morada carinhosa,
Sua luz mostra a beleza
De uma estrela generosa.

Aproveita-se-lhe o encanto
Na esfera da utilidade,
Mas quase ninguém lhe vê
O espírito de humildade.

Seu processo de ajudar,
 Nas sombras da noite escura,
 Revela lição sublime
 Ao plano da criatura.

Por servir de fonte calma
 Ao clarão bondoso e amigo,
 Ela queima a provisão
 De tudo que tem consigo.

Consome o óleo, a torcida,
 Perde o brilho, perde a graça,
 Suporta o calor do fogo,
 Sofre o assédio da fumaça.

E guarda, com Deus, a glória
 De haver produzido o bem,
 Sem ferir qualquer pessoa,
 Sem prejuízo a ninguém.

*

Quem deseje iluminar,
 Proceda como a candeia:
 A si mesmo se ilumine
 Sem reclamar luz alheia.

A Lâmpada

Em casa, a lâmpada acesa,
 Singela e despercebida,
 Constitui lição patente
 Das mais nobres que há na vida.

Contra a noite escura e espessa,
 Que se espalha e reproduz,
 Envolve-se de energia,
 Resplandece e traz a luz.

Seu trabalho é grande e simples,
 Difundindo o sol do bem.
 Não discute, não pergunta,
 Dá sempre, não olha a quem.

Ilumina o gabinete
 De pesquisa ou de leitura,
 Como aclara a agulha humilde
 Da máquina de costura.

Envolve com a mesma luz
 A velhice, a enfermidade,
 A infância, a alegria, a dor,
 E os sonhos da mocidade.

Há tumultos, há prazeres?
Amarguras, agonia?
Se não sofre violência,
Eis que a lâmpada irradia.

Serena, silenciosa,
Não se aflige, não consulta,
Nada pede, além da força
Que lhe vem da usina oculta.

Revela todo detalhe,
Sem contendias, sem perigo.
A sua demonstração
E' o foco que traz consigo.

Não exige condições
Por servir e iluminar,
E define seu ruído
Cada coisa em seu lugar.

*

Pensemos em nossa glória
Quando formos, irmãos meus,
Como lâmpadas do Cristo
Na usina do amor de Deus.

O Luar

Nas bênçãos de paz da noite,
Talvez a maior beleza
Seja o luar que se espalha
Na vida da Natureza.

O campo dorme em silêncio,
E o luar na estrada em flor
Distribui com toda a planta
O orvalho confortador.

Do céu alto manda as brisas
Alegres e perfumadas
Beijar as folhas mais pobres,
Tristonhas e abandonadas.

Por todo o lugar desdobra
Sua luz aberta em palmas,
Afangando as esperanças
Do divino amor das almas.

Em toda parte onde exista
O anseio de um coração,
Ensina o carinho amigo
Do alfabeto da afeição.

Desde os tempos mais remotos,
O luar, pelas estradas,
Foi tido como o padrinho
Das almas enamoradas.

Ao nosso ver, todavia,
Nas grandes lições do mundo,
Sua imagem representa
Simbolismo mais profundo.

Sua luz mantém na noite
A mais nobre das disputas,
Não cedendo à treva espessa
As posses absolutas.

Entre os homens deste mundo,
O mal, o crime e o ateísmo
Tudo ensombram provocando
A noite de um grande abismo.

*

Mas a esperança resiste
E acende na noite imensa
A luz clara e generosa
Do eterno luar da crença.

O Orvalho

Se a chuva pode tardar,
Há sempre a bênção do orvalho,
Sustentando a Natureza
No campo do seu trabalho.

Ao termo de cada noite,
Nas auroras coloridas,
Podemos felicitá-lo
Nas ervas agradecidas.

A planta nunca descrê;
Espera, trabalha e dá.
Na luta jamais se esquece
Que o Pai não a esquecerá.

Se o ano é de chuva escassa
Para o bem das produções,
Muitas vezes basta o orvalho
Na força das estações.

Ao seu beijo a terra espera,
A folha volta ao verdor,
A flor ostenta-se em festa,
O dia é renovador.

Nas forças da Natureza,
O orvalho é como o sorriso
Que desce diàriamente
Das bênçãos do paraíso.

Seu hálito carinhoso
Ameniza a atmosfera;
No verão mais sufocante
E' filho da primavera.

E' sempre um fraterno amigo,
Um símbolo de defesa,
Do bem entre as forças várias
Que oprimem a Natureza.

A nós outros, ele ensina,
No efeito de sua ação,
Quanto pode conseguir
A boa disposição.

*

Sorrisos, calma, bondade,
Prudência, paz, bom humor,
São em tudo o brando orvalho
Da altura do nosso amor.

A Lã

Em todas as latitudes
Da Terra que aperfeiçoa,
E' sempre meiga e benvinda
A lã carinhosa e boa.

Conserva a saúde e a vida,
Nos invernos, nos trabalhos,
E' mãe delicada e nobre
Dos mais puros agasalhos.

Faz frio? desceu a noite
Em borrascas escarninhas?
A lã protetora e santa
Vai vestir as criancinhas.

Há velhice amargurada
Movendo-se quase morta?
A divina benfeitora
Vem de leve e reconforta.

Enfermos entristecidos
Atados a grandes dores?
Recolhe-os bondosamente
Em ninhos de cobertores.

Presta aos homens neste mundo
 Auxílio amoroso e forte,
 Desde o berço da chegada,
 Ao leito de dor na morte.

Heroína afetuosa
 De serviço e de bondade,
 Preserva no mundo inteiro
 O corpo da Humanidade.

Quem a veste, conservando-a,
 Encontra incessantemente
 A couraça que resiste
 Ao frio mais inclemente.

Lembremos, vendo-a servir
 Sem recompensa e sem palmas,
 O Cordeiro que dá lã
 Necessária a nossas almas.

*

Não te doa nos caminhos
 O inverno de angústia e pranto:
 Vistamos os sentimentos
 Em lã do Cordeiro Santo.

A Capa

Enquanto vibra o calor
 Do verão, em luz florida,
 A capa confortadora
 Permanece recolhida.

Em tudo há sol claro e quente,
 Após a bênção do orvalho...
 Oculta-se a capa amiga
 Nas reservas de agasalho.

Entretanto, chega um dia,
 Que surge na imensidade,
 Envolto de sombras frias
 E sopros de tempestade.

Rajadas dilacerantes
 Invadem a atmosfera,
 Não mais a carícia doce
 Das tardes de primavera.

De outras vezes, muito embora
 Cesse a grande ventania,
 Continua o inverno forte,
 Torturando noite e dia.

Ar gelado, névoas densas
Ao longo de toda a estrada,
Se a neve não cai do céu,
A terra sofre a geada.

E' quando a capa bondosa
Aparece no caminho,
Como a terna mensageira
Do consolo e do carinho.

Requestada em toda a parte,
No tempo frio e brumoso,
Trabalha, conforta e ajuda,
Sem as pausas do repouso.

Assim, no inverno das dores
Que trazem desolação,
A crença é a capa celeste
Que agasalha o coração.

*

Mas no mundo há muito crente,
Que quando padece e chora,
Desatende a Providência
E atira com a capa fora.

O Faroleiro

Enquanto o leque da noite
Agrava a sombra e o perigo,
A distância, eis que se acende
O farol bondoso e amigo.

A luz define os caminhos,
Mostra o vulto dos rochedos,
Pode o barco prosseguir,
A treva não tem segredos.

Tudo é noite sobre o abismo,
Mas na torre existe alguém,
Atento em manter a luz,
Disposto a fazer o bem.

E' o faroleiro. Em silêncio
Clareia a amplidão do mar,
Determina o rumo certo
E atende sem perguntar.

Navios maravilhosos,
Em prodígios de conforto,
Recebem-lhe o benefício
E seguem, de porto a porto.

Passam barcos de descanso,
 Jangadas laboriosas...
 O farol ajuda sempre
 Sem perguntas ociosas.

Todos devem ao farol,
 Do comando ao marinheiro,
 Mas quase ninguém conhece
 As dores do faroleiro.

Por servir e auxiliar,
 Aceita uma condição:
 A vida de insulamento
 Muita vez em privação.

Se ouvirmos as grandes vozes
 Da verdade soberana,
 Na Terra acontece o mesmo
 Nos mares da luta humana.

*

Quem possa trazer mais luz
 Vive em campo solitário,
 Tal qual o Mestre Amoroso
 Da torre em cruz do Calvário.

O Cemitério

Tristeza, luto e silêncio,
 Desolação e amargor.
 O quadro de um cemitério
 Inspira saudade e dor.

Aqui, lápides custosas,
 Ali, raros mausoléus,
 Anjos de pedra apontando
 A cúpola azul dos céus.

Além, sepulturas pobres,
 Sem o mármore das lousas,
 Que se confundem sem palmas
 No seio comum das coisas.

Em uns, a ambição pomposa
 Que se estende à própria morte;
 Em outros, o esquecimento,
 Contrastes das mãos da sorte.

Mas em todos os recantos,
 A realidade e a lição
 Do túmulo: o estojo triste
 De sombras e podridão.

E o cemitério descansa
Em triste serenidade,
Assinalando em silêncio
O fim de toda a vaidade.

No entanto, entre as cruzes mortas,
Sobre corpos verminados,
A primavera traz lírios
Risonhos e perfumados.

Cantam rosas de alegria
Sobre as dores da tristeza;
O cipreste enfeita os dias
E as noites da Natureza.

Já observaste? No mundo,
Nos trilhos mais viciados,
Temos sido muitas vezes
Como "túmulos caiados".

*

Mas Jesus que é o Jardineiro
Da paz, do amor, da bonança,
Faz florir em nossas trevas
Seus caminhos de esperança.

O Silêncio

Quem procura no silêncio
A inspiração e a beleza,
Penetra o templo invisível
Das forças da Natureza.

Jamais sentiste o cansaço
No excesso de burburinho?
O silêncio é o companheiro
Que conhece o bom caminho.

Em seu campo generoso,
Há tréguas ao pensamento,
Recebe-se luz sublime
De verdade e entendimento.

O homem que se mergulha
Nas vozes do turbilhão,
Condena-se, muita vez,
Aos cárceres da aflição.

E' preciso, quase sempre,
Procurar na soledade
A solução dos problemas
À luz da serenidade.

Se possível, vai ao plano
Das árvores carinhosas,
Onde as coisas falam sempre
Em notas harmoniosas.

Mas se não podes fugir
Às zonas de inquietação,
Procura o silêncio amigo
Na paz da meditação.

Todos temos em nós mesmos
Os vales da experiência
E as montanhas solitárias
Nos cimos da consciência.

Não te dêes todo aos rumores
Das lutas de cada hora;
Que a palavra seja em tudo
Tua serva e não senhora.

*

Quando achares no silêncio
Os segredos da energia,
Terás penetrado a esfera
De paz e sabedoria.

O Despertador

O relógio é o grande amigo
Na vida da criatura;
Acompanha-lhe a viagem
Desde o berço à sepultura.

Metódico, dedicado,
Movimentando os ponteiros,
Marca os risos infantis
E os gemidos derradeiros.

Revela oportunidades,
Mostra a bênção do minuto,
Indica tempo à semente,
Como indica tempo ao fruto.

Mas de todos os relógios
Que atendem cheios de amor,
E' justo salientar
O amigo despertador.

Quando alguém dorme ao cansaço,
Ele vibra, ajuda e vela,
Ritmando o tique-taque,
Tem coisas de sentinela.

Na hora esperada e justa,
Pontual, invariável,
Chama à luta o companheiro
Em bulha desagradável.

O seu barulho interrompe
O repouso desejado,
Acorda-se, quase à força,
Levanta-se estremunhado.

Mas, sòmente ao seu apelo,
Há lembrança dos serviços,
Buscando-se incontinenti
A zona dos compromissos.

Assim, na vida comum,
Nas lutas de redenção,
Todo o tempo é precioso
Em qualquer situação.

*

Mas o tempo que nos fere,
Em provas, serviço e dor,
E' o melhor de todos eles,
E' o nosso despertador.

F I M

Francisco C. Xavier

JESUS NO LAR

Na sua missão de re-
por o Evangelho no co-
ração do homem, desceu
do Alto, através do me-
dium *Francisco Cândido
Xavier*, mais este exce-
lente livro.

São reuniões familia-
res em casa de Simão
Pedro, à beira do lago,
onde se discutem na in-
timidade, em volta da
mesa, os problemas do
Reino de Deus. Os disci-
pulos apresentam seus
pareceres, sua opiniões,
suas dúvidas, e Jesus,
como Irmão Maior, de-
pois de ouvi-los com
amorosa paciência, resol-
ve-lhes todos os proble-
mas, formulando um
apólogo, uma parábola,
uma historieta que fale
simultaneamente ao co-
ração e ao cérebro, e
na memória facilmente
se conserve.

O primoroso livrinho
de Neio Lúcio, com 50
histórias edifican-
tes, em que a Doutrina
Cristã é habilmente do-
sada e lindamente ves-
tida, sem dúvida será o
candeeiro de todos os
lares, a iluminar jovens
e velhos.

Pede, amigo Leitor, o
Catálogo de Livros Espí-
ritas editado pela FEB, e
ele te será remetido gra-
tuitamente pelo Correio.

Francisco Cândido Xavier



Cartilha da Natureza



Ditado pelo Espírito de
CASIMIRO CUNHA



Almerindo M. de Castro

LIÇÕES DA VIDA

1ª edição

E' um livro que se distingue do comum da literatura doutrinária. Sem se distanciar dos ensinamentos morais religiosos, visa levar o leitor a interpretar a razão de ser de muitos acontecimentos da vida quotidiana (desastres, assassínios, suicídios, fracassos diversos, etc.), os quais, aos espíritos desprevenidos ou desatentos, se apresentam sem explicação convincente.

Nesse intuito, o Autor, nome respeitado e admirado nos meios literários e spiritistas do País, destaca, de entre os eventos comuns ou inusitados, inúmeros fatos, e os explana à luz da verdadeira realidade, mostrando que, em muitas das coisas aparentemente inexplicáveis, absurdas, injustas, existe uma lição eloquente e meridiana de ensinamentos preciosos, porque dizem com a Alma, com o recôndito dos corações.

Lições da Vida é um livro que agradará, sem reserva, qualquer que seja o ponto de vista filosófico ou religioso do leitor.

LÉON DENIS

Catecismo Espírita

Com o fito de facilitar a vulgarização de um trabalho de grande vulto do eminente discípulo de Kardec, foi editado o **Catecismo Espírita**, que logo teve plena aceitação nos círculos doutrinários, por sua comprovada utilidade prática e teórica.

E' uma condensação dos pontos cardiais da Doutrina, ao alcance de todas as inteligências, e que muito se presta a auxiliar o ensino do Espiritismo nos lares e nas escolas espíritas.

E' obra elucidativa que se impõe, não só aos neófitos, com também aos estudiosos da Doutrina.

FERNANDO FLORES

Seara Infantil

Seara Infantil é precioso repositório de vinte historietas e cinco graciosas poesias destinadas à evangelização da criança espírita.

Escrito numa linguagem acessível à mente infantil, apresenta este livrinho, em cada página, admiráveis lições de moral cristã, a par de utilísimos **Exercícios** que ampliam os conhecimentos intelectuais da criança estudiosa.

Com inúmeras ilustrações, desenhadas a traços rápidos, e uma sugestiva capa em tricromia, acreditamos que a obra **Seara Infantil** merecerá boa acolhida em todos os lares e escolas espíritas.